



Escola Feminista Regional Berta Cáceres

Memória da experiência realizada entre maio e setembro de 2022



Marcha Mundial das Mulheres Américas



Relatório sobre a experiência da Escola Feminista Regional Berta Cáceres da Marcha Mundial das Mulheres - MMM Américas

2022

Sumário

Introdução	4
Antecedentes.....	5
Organização inicial.....	6
Definições de conteúdo e de metodologia.....	7
Organização das equipes de trabalho.....	9
Participantes.....	12
Desenvolvimento do conteúdo.....	14
Sessão inicial: Boas-vindas, mística e capacitação técnica.....	14
Primeira sessão módulo I - Capitalismo e patriarcado: manifestações na vida das mulheres.....	16
Segunda sessão módulo I - Colonialismo e racismo: imbricação de opressões e seus efeitos na vida e territórios das sujeitas plurais.....	18
Terceira sessão módulo I - Efeitos e resistências dos sistemas de opressão nos territórios-corpo e na natureza.....	20
Primeira sessão módulo II - Introdução à economia feminista.....	24
Segunda sessão módulo II - Aprofundamento dos conceitos e apostas da economia feminista a partir de diferentes territórios.....	28
Terceira sessão módulo II - Visões e apostas políticas da economia feminista a partir da Marcha Mundial das Mulheres.....	32
Quarta sessão módulo II - Propostas da MMM para disputar a economia.....	36
Primeira sessão módulo III - Nossas lutas e nossa resistência no atual contexto.....	39
Segunda sessão módulo III - Elementos para a construção de movimento.....	44
Terceira sessão módulo III - Nossa construção de movimento: desafios e alianças.....	47
Avaliação.....	53
Anexo 1. Roteiro Pedagógico.....	57
Anexo 2. Perguntas do formulário de avaliação final.....	87



Introdução

Durante quase 5 meses, entre 12 de maio e 29 setembro de 2022, aconteceu em formato virtual a Escola Feminista Berta Cáceres, organizada pela Marcha Mundial das Mulheres, com participação de militantes do movimento e de organizações aliadas. Nesse relatório, compartilhamos o processo de construção da escola, com os antecedentes, a organização, os conteúdos e os acúmulos das equipes que levaram adiante o processo, a equipe de metodologia e a equipe técnica e de comunicação.

Da mesma forma, compartilhamos informações sobre a avaliação realizada ao final da Escola, e os desafios e propostas para que essa experiência de formação popular feminista tenha continuidade e possa ser replicada em outros contextos.





Antecedentes

A Escola Feminista Regional Berta Cáceres, proposta pela Marcha Mundial das Mulheres, tem como antecedente direto a realização da Escola Feminista Internacional Berta Cáceres (IFOS, na sigla em inglês), apresentada em março de 2021. A IFOS, inicialmente planejada para ser realizada presencialmente no Quênia, foi modificada para acontecer no formato virtual. Entre abril e julho de 2021, sessões quinzenais abordaram o eixo do conteúdo definido e elaborado durante os dois anos anteriores.

A IFOS em si já representou um avanço na organização do feminismo popular internacionalmente. Construída por quatro organizações, a Grassroots Global Justice, Grassroots International, Indigenous Environmental Network e a Marcha Mundial das Mulheres, ela representa um processo de síntese política que se articula com metodologias de educação popular, perseguindo o objetivo de contribuir para a formação de militantes que sejam também educadoras e organizadoras do feminismo popular em seus países e territórios.

A experiência da IFOS não resultou apenas na formação de 180 mulheres de todo o mundo, mas também na elaboração de um conjunto de materiais metodológicos, uma experiência que pode ser avaliada buscando melhorias e que, sobretudo, conta com o compromisso de suas participantes para replicar a experiência em um formato territorial. Assim, em 2022, a partir dos aprendizados da IFOS, as organizações deram início a novos processos, como a realização da Escola de Facilitadoras, realizada virtualmente entre 25 de abril e 23 de agosto, cujo objetivo foi apresentar ferramentas para a multiplicação da formação, e as escolas regionais, nos Balcãs e nas Américas.





Organização inicial

Na MMM das Américas, já havíamos desenvolvido algumas experiências de formação sub-regionais, como no Cone Sul, e organizado formações durante reuniões e encontros da região. A partir do processo da IFOS, que já previa como desdobramento a realização de escolas regionais, foram criadas as condições necessárias para iniciar nosso próprio processo.

No final de 2021, começamos a preparar a Escola das Feminista das Américas. Para isso, na reunião mensal da MMM Américas, definimos um GT que organizaria a proposta inicial, tendo como ponto de partida o currículo da IFOS, mas adaptando-o segundo as especificidades do nosso contexto. Tal proposta foi discutida em 3 reuniões, onde aprovamos as principais definições, como: nome e logo da Escola, objetivos, conteúdo e metodologia, participantes, calendário e grupos de trabalho.

Definições de conteúdo e de metodologia

Baseando-se na experiência da IFOS e levando em consideração as particularidades e experiências regionais, foi definido o seguinte programa para a Escola das Américas:

1. Objetivo geral

Fortalecer a Marcha Mundial das Mulheres das Américas, através de um processo de formação política, análise e reflexão para ampliar suas alianças, mobilizar suas apostas e resistências.

2. Objetivos específicos

- Facilitar ferramentas, espaços de análise e de debate para nutrir reflexões, aumentar as capacidades de liderança e de organização a partir dos níveis territorial, continental e global.
- Fortalecer a identidade e o pertencimento na Marcha Mundial das Mulheres e seus processos organizativos para a mobilização e comunicação de práticas e ações de resistência no cotidiano.



- Visibilizar e aprofundar a proposta da economia feminista como ferramenta política e metodológica para politizar a prática cotidiana.

3. Módulos

Os conteúdos foram trabalhados em 3 módulos: Sistemas de opressão (3 sessões); Economia feminista (4 sessões) e Construção de movimento (3 sessões) + uma sessão inicial de boas-vindas, mística e capacitação técnica.

Cada sessão teve 3 horas de duração.



Material de apoio para a interpretação utilizado na primeira sessão da escola

A metodologia da escola teve como horizonte os seguintes princípios:

Educação popular: os conteúdos da Escola Feminista foram trabalhados a partir da educação popular, incorporando a perspectiva feminista e a perspectiva decolonial. A educação popular parte de uma visão oposta à da educação tradicional, que nos vê como recipientes de conteúdo. A colonização e a alienação tendem a nos impedir de exercer a nossa espontaneidade e criatividade. É por isso que, na educação popular, buscamos trabalhar também com outras linguagens, como o desenho, o teatro, a música e a dança. Essas são formas que permitem às pessoas desenvolver outras habilidades, colocando em prática sua própria espontaneidade e criatividade. Assim, através de um processo de desconstrução e reconstrução, fortalecemos o pensamento crítico e trabalhamos valores libertários e solidários. Na medida em que construímos consciência coletiva, com uma compreensão comum dos problemas, vamos desenvolvendo a solidariedade.



Mística: a mística é um momento de partilha de experiências através da arte e foi considerada fundamental para a realização da escola. No início dos encontros, a mística permite compartilhar elementos culturais, símbolos, músicas, poemas, palavras de ordem e outras diversas formas de expressão que fazem parte e fortalecem nossa identidade coletiva. A mística também permite colocar em prática a solidariedade ao possibilitar o contato com experiências que até então não conhecíamos, mas que se conectam com nossas práticas, vivências e sentimentos. É um momento energizante para o início das sessões.

Uso de ferramentas adequadas para o contexto virtual: a realização de uma Escola no formato virtual coloca novos desafios e, portanto, foi necessário pensar estratégias e práticas específicas para este formato, como definir o uso das ferramentas que seriam utilizadas. Na Escola das Américas, optamos pela plataforma Zoom para realizar nossas sessões. No entanto, devido ao embargo econômico dos EUA à Cuba, essa ferramenta não está disponível no território cubano, portanto, foi necessário oferecer às companheiras participantes desse país uma plataforma alternativa. Nesse caso, utilizamos o Jitsi.

Para fazer atividades coletivas, como exercícios em grupos ou nuvem de palavras, utilizamos as ferramentas digitais Jamboard, uma plataforma de quadro branco digital, e o Mentimeter, uma plataforma para criar apresentações interativas online que incluem perguntas, enquetes, questionários, slides e imagens. Além disso, fizemos uso de conteúdos visuais, como vídeos e fotos, imagens, para facilitar os conteúdos trabalhados nas sessões.

Justiça linguística/Interpretação: assim como na experiência da IFOS e da própria Marcha Mundial das Mulheres, a justiça linguística é um dos princípios que norteou o processo da Escola das Américas. Justiça linguística significa que todas as participantes podem ter acesso e se comunicar em seu idioma. Para isso, o GT de apoio técnico foi formado levando em conta certo grau de fluência das integrantes para garantir a comunicação da escola nos quatro idiomas dominantes no continente - português, espanhol, inglês e francês. Também foi formada uma equipe de seis intérpretes que trabalharam durante todas as sessões da escola. Elas foram apresentadas durante a primeira sessão da Escola e fizeram parte da mística organizada pelos grupos de trabalho. Assim, todas puderam conhecer as mulheres cujas vozes tornam possível o entendimento e a construção comum do conhecimento, reconhecendo o trabalho fundamental da tradução nos nossos processos políticos.



Construir uma Escola feminista em quatro idiomas, com tantas variedades culturais e formas de expressão, também exige ter em conta as próprias características da interpretação, ou seja, é preciso um exercício coletivo para falar em um ritmo mais lento, com pausas, evitando siglas e acrônimos, por exemplo. Também foi necessário um diálogo permanente entre o GT metodológico, a equipe técnica e a equipe de interpretação para garantir que as intérpretes tivessem acesso previamente aos materiais programados para as sessões, como apresentações de palestrantes, vídeos, textos e poemas, para que elas pudessem se familiarizar com os conteúdos e linguagens trabalhados.

Módulo	Conteúdos	Datas
Sessão inicial	Boas-vindas, mística inicial Capacitação técnica	12 de maio
I: Sistemas de opressão	Imbricação de opressões: capitalismo, patriarcado, racismo. Experiências e impactos nas sujeitas plurais	26 de maio 3 e 16 de junho
II: Economia Feminista	Debates latino-americanos a partir de experiências territoriais concretas	7 e 21 de julho 4 e 18 de agosto
III: Construção de movimento	Reflexão/análise de conjuntura. Olhares sobre os contextos Feminismos populares Significados dos movimentos feministas emancipadores Fortalecimento da MMM	1, 15 e 29 de setembro

Definição dos módulos, sessões e datas iniciais

Intercâmbio de conhecimento: outro aspecto fundamental da Escola das Américas foi a troca de saberes e de experiências vivenciada durante as sessões, seja na mística, nas apresentações em grupo ou intervenções das participantes. A troca de conhecimentos, de experiências e de propostas que nascem na vida concreta dos territórios, cujas protagonistas somos nós, em nossa pluralidade, como feministas de base, comunitárias, populares e decoloniais, é fundamental para fortalecer nossa visão comum e integral dos processos.

Organização das equipes de trabalho

Para desenvolver a formação, organizamos dois grupos de trabalho: um grupo de metodologia e pedagogia e o outro de apoio técnico. O grupo de metodologia organizou as sessões, preparando os roteiros para cada sessão, os materiais de leitura, selecionando vídeos e fazendo o contato com as palestrantes. Cinco integrantes da MMM na região fizeram parte do grupo de metodologia: Norma Cacho, do México, Nalu



Faria, do Brasil, Alejandra Pérez, do Chile, Marta Godinez, da Guatemala, e Alejandra Laprea, da Venezuela. Elas foram as responsáveis por reunir-se para avaliar e preparar as sessões previamente e facilitar as reuniões. Também estiveram a cargo da organização das místicas, contatando as participantes de cada país para que houvesse uma rotatividade e representação da cultura e das resistências dos territórios. O modelo de roteiro utilizado para construção dos módulos e dos momentos de cada sessão está anexado ao final do relatório.

O grupo de apoio técnico foi conformado por Helena Zelic, Tica Moreno, Natália Blanco, Luiza Mançano, Bianca Pessoa e Lilian Roizman, militantes da MMM do Brasil. Esse grupo foi o responsável por organizar o contato com as intérpretes, fazer a comunicação antes, durante e depois das sessões com as participantes, organizar e enviar os materiais preparatórios e os materiais e ferramentas virtuais utilizadas durante as sessões, e oferecer apoio às participantes no uso das ferramentas e do próprio Zoom. O grupo de apoio técnico contou com a colaboração de Gabriela Fuentes, da Alianza Política Sector Mujeres da Guatemala, organização integrante da MMM das Américas, que fez a transmissão das sessões via Jitsi para as participantes de Cuba, já que a ferramenta Zoom não funciona no país caribenho devido ao embargo econômico. As sínteses de todas as sessões da escola foram realizadas pelo grupo metodológico com a colaboração do grupo de apoio técnico.

Sistematização do trabalho

Realizado pelo grupo de apoio técnico

Tarefas prévias ao início das sessões:

- Organizar lista de participantes no e-mail por idioma para que todas recebam os materiais e e-mails informativos nos idiomas corretos.
- Checar status da inscrição de todas as participantes.
- A partir das inscrições, fazer as listas de presença e a lista de participantes dividida por região e por organização.
- Criar de grupos de WhatsApp por idioma para facilitar a comunicação, repasses e informes. Também para estimular o contato e trocas entre as participantes.
- Criar links necessários à atividade (Zoom, Jitsi, Jamboard etc.)





- Redigir e enviar e-mail inicial de boas-vindas, links necessários e data do primeiro encontro.
- Aprender a utilizar coletivamente todas as ferramentas que serão utilizadas durante a realização da escola. Criar novas contas nas plataformas quando necessário.
- Criar nuvem para inclusão de arquivos e materiais úteis às participantes durante a formação.
- Organizar e sistematizar o calendário da escola com informações sobre as datas e divisão dos módulos no tempo.
- Estabelecer dinâmicas de tradução entre as participantes da equipe para tradução de e-mails, mensagens e demais textos necessários.
- Organizar a equipe de interpretação.

Entre as sessões:

- Deliberar a pessoa responsável por apresentar a síntese da sessão anterior.
- Enviar para as participantes e-mail contendo a síntese da sessão anterior e informações relevantes sobre a próxima sessão (textos ou materiais indicados, por exemplo).
- Enviar e-mail com lembrete duas horas antes do início da próxima sessão.
- Organizar e criar apresentação com agenda da sessão.
- Enviar materiais que serão compartilhados durante a sessão para as intérpretes com antecedência de uma semana.
- Carregar as sínteses e materiais de apoio na pasta de documentos da nuvem compartilhada com as participantes.
- Sempre checar caixa de e-mail e grupos de WhatsApp para responder dúvidas das participantes entre sessões.
- Criar materiais necessários para as dinâmicas da sessão (como páginas no Jamboard ou pesquisas no Mentimeter).
- Criar playlist com músicas que garanta a diversidade cultural das



participantes, que não reproduzam preconceitos e não contradigam as bandeiras de luta da MMM.

Durante as sessões:

- Fazer abertura da sala com 30 minutos de antecedência para ativação da interpretação e checagem do funcionamento da sala e das ferramentas que serão utilizadas.
- Transmitir sessão pelo Jitsi para garantir a participação das mulheres de Cuba. Abaixo o bloqueio!
- Acompanhar entrada das participantes da sala do Zoom e do Jitsi e preencher a lista de presença.
- Acompanhar interpretação e solucionar possíveis falhas.
- Tirar prints dos momentos para memória da escola.
- Acompanhar e solucionar eventuais problemas técnicos das participantes.
- Projetar slides, vídeos e textos quando necessário.
- Compartilhar músicas no início e intervalo da sessão.
- Dividir grupos de trabalho na plataforma e ativar modo grupo.
- Fazer anotações para a síntese.

Participantes

A Escola contou com a participação de integrantes das Coordenações Nacionais da MMM e de integrantes de organizações aliadas. Na participação das aliadas, houve um esforço de incorporação de representantes da América Central e do Caribe. No total, foram 75 participantes inscritas – das quais 28 eram de organizações aliadas–, de 21 países e territórios: Quebec, Estados Unidos, México, Honduras, Guatemala, El Salvador, Nicarágua, Peru, Colômbia, Venezuela, Bolívia, Chile, Paraguai, Argentina, Uruguai, Brasil, Cuba, Porto Rico, Martinica, Costa Rica, República Dominicana.





As organizações e articulações aliadas foram: Via Campesina, Amigos da Terra, Confederação Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras das Américas (CSA), Alba movimientos e Confluencia de Mujeres, da Colômbia.

A média de assistência das participantes foi de 40 pessoas por sessão. Um dos aprendizados que tivemos durante a escola é que alguns fatores externos podem afetar a participação. Nesse caso concreto, a escola ocorreu durante a temporada de furacões no Caribe, o que dificultou a conexão de boa parte das inscritas. As companheiras de Cuba, por exemplo, passaram algumas semanas sem acesso a eletricidade e internet durante o apagão causado pela passagem do furacão Ian na ilha, além de atuarem nas ações de solidariedade nesse contexto. Já companheiras de outros países, como Guatemala, Martinica, El Salvador, enfrentaram instabilidades nas conexões devido às chuvas intensas e inundações do período. Muitas justificaram ausência previamente nos dias de sessão, e outras, por instabilidade na conexão, não puderam participar desde o início ou não conseguiram permanecer na sessão. Nesse contexto, o acesso aos textos de apoio e às sínteses da sessão foram importantes para que elas pudessem acompanhar o desenvolvimento e o acúmulo da escola.



Desenvolvimento do conteúdo

A Escola Regional Berta Cáceres da MMM das Américas aconteceu em 12 sessões entre maio e final de setembro de 2022. A seguir, compartilhamos as sínteses de memória das sessões realizadas.

Sessão inicial: Boas-vindas, mística e capacitação técnica

12 de maio de 2022

Na sessão inaugural da Escola, fizemos uma apresentação sobre a importância da interpretação a partir do princípio da justiça linguística e conhecemos as intérpretes que nos acompanharam ao longo das sessões. Também aprendemos a utilizar, coletivamente, as ferramentas virtuais com as quais trabalhamos na escola, ficamos sabendo quem seriam as companheiras que participaram da formação e conhecemos o programa e o calendário das próximas sessões. Além disso, conduzimos atividades para entendermos as expectativas com o curso e vimos alguns vídeos como aquecimento para os temas que iremos tratar. Ao final da jornada, fizemos duas atividades utilizando as ferramentas virtuais como forma de aprender a utilizá-las coletivamente. Uma foi realizada para demonstrar como funciona o quadro virtual Jamboard e a outra para as participantes compartilharem suas expectativas sobre a Escola no Mentimeter.

Após a sessão, enviamos um lembrete sobre as ferramentas digitais que aprendemos a usar juntas, divulgamos os grupos de Whatsapp formados por idioma e a pasta com os materiais utilizados.

Ferramentas utilizadas:



Atividade no Jamboard: "como nos sentimos hoje"?





¿Qué esperamos de la Escuela? What do we expect from this School? Quelles sont nos attentes à propos de l'école? O que esperamos dessa Escola?

Aprender, compartir y reflexionar sobre las construcciones y experiencias sobre economías feministas en los territorios.	Aprender, intercambiar y compartir lo aprendido en el trabajo en la organización que integro y con las compañeras que la integran junto conmigo
Espero desarrollar capacidades y también conocer otras mujeres activistas, poder intercambiar conocimientos y experiencias.	Solidariser
Seguir fortaleciendo articulaciones feministas, a través de este aprendizaje colectivo de diversas experiencias territoriales. Fortalecer además los capítulos nacionales de la marcha, y compartir y construir narrativas de luchas.	Escuchar, aprender y compartir experiencias de mujeres que han enfocado sus esfuerzos en construir alternativas de vida y felicidad compartida
a greater appreciation of the work being done through the america's and the need that is there	Adquirir herramientas para fortalecer nuestras luchas/resistencias. Aprender de todas las compañeras y sus experiencias.
Desarrollar capacidad	Un compartir de propuestas, un pacto de seguimiento para las transformaciones.
Espero poder aprender de mis compañeras, adquirir sabiduría y admirar el largo camino que han recorrido por nuestras luchas.	how to work and support the movements
intercambio de saberes y experiencias	A greater understanding of feminist organizing and movement building
Compartir experiencias, conocer las luchas desde los territorios y colectivos. Aportar la visión desde mi colectivo	Contruir un feminismo latinoamericano y popular a partir de las redes de todos los territorios
	Apprendre et partager

Atividade coletiva no Mentimeter: "O que esperamos dessa Escola"?



- [Zoom.us](https://zoom.us) para participar de nossas reuniões
- [Jamboard.com](https://jamboard.com) para escrever e desenhar em um quadro branco virtual
- [Mentimeter.com](https://mentimeter.com) para participação em pesquisas ao vivo, nuvens de palavras e comentários.
- [Mega.nz](https://mega.nz) para compartilhar nossos documentos.

Módulo I.

Sistemas de opressão: capitalismo, patriarcado, racismo

Primeira sessão módulo I - Capitalismo e patriarcado: manifestações na vida das mulheres

26 de maio de 2022

Objetivo: Refletir sobre os sistemas de opressão capitalista e patriarcal, seus impactos e manifestações nas sujeitas plurais e seus territórios.

A mística homenageou a resistência histórica e as experiências das comunidades negras nas Américas através de vídeos e depoimentos de companheiras participantes. Para introduzir o tema do módulo e da sessão, foi exibido um [vídeo](#) da IFOS com uma fala de Berta Cáceres sobre a importância da formação e sistematização dos fundamentos teóricos, políticos e culturais dos povos para dismantelar o patriarcado, o racismo e o capitalismo. Posteriormente, as participantes assistiram uma [animação da MMM sobre trabalho precário](#) e debateram em grupos a questão “Como os sistemas de opressão atuam sobre os corpos e territórios das mulheres?”, selecionando três ideias principais para apresentação em plenária.



Resultados:



EN EL ESTADO Y SUS POLÍTICAS PÚBLICAS SEÑALAMOS

- Los estados y sus gobiernos están atravesados por el sistema de opresiones múltiples.
- Los estados, sus políticas públicas y leyes están al servicio del sistema de opresiones múltiples. Esto se constata en leyes que no reconoce la autonomía de los cuerpos de las mujeres, como en aquellas que privilegian el expolio de las transnacionales sobre bienes comunes como el agua o la tierra.
- Incluso en estados con gobiernos progresistas existen brechas y límites en la relación Estado y movimientos sociales y sus luchas.



Sistematização dos resultados do trabalho em grupos

Posteriormente, foi exibido um vídeo em que Georgina Alfonso, da MMM de Cuba, apresenta os principais aspectos dos sistemas de opressão, com um debate posterior e fechamento das facilitadoras conectando o vídeo com as discussões em grupo realizadas na sessão.





Síntese visual do vídeo apresentado

Segunda sessão módulo I - Colonialismo e racismo: imbricação de opressões e seus efeitos na vida e territórios das sujeitas plurais

03 de junho de 2022

Objetivo: Refletir sobre os sistemas de opressão, colonialismo e racismo, seus impactos e manifestações nas sujeitas plurais e seus territórios.

A mística foi realizada pelas companheiras do Quebec, que recitaram a declaração da MMM do território. Essa sessão contou com duas apresentações iniciais realizadas por Ochy Curiel, militante e feminista teórica dominicana, e por María Velásquez, militante da Alianza Política Sector Mujeres da Guatemala.

Em sua intervenção, Ochy Curiel destacou os seguintes aspectos: O racismo é um sistema de dominação, que deve ser considerado na história como uma episteme que serve de base ao colonialismo. Até hoje, é o racismo que garante a exploração de corpos racializados pelo capital internacional que está nas mãos de homens brancos. Todos os movimentos sociais devem incorporar a luta antirracista, uma vez que os sistemas de opressão estão imbricados e são interdependentes.

María Velazquez colocou que a colonização criou uma estrutura política e econômica que organizou as vidas para fins lucrativos e que tem impactos até nas esferas íntimas. O colonialismo abriu muitas frentes de despossessão, sendo uma delas a perda dos conhecimentos ancestrais, transmitidos entre as mulheres por vários séculos, e que são fundamentais para manter viva a memória tradicional e o acesso





ao conhecimento que garante autonomia nos cuidados. Assim, com as instituições coloniais e patriarcais, as mulheres e os povos foram e seguem sendo excluídos da voz política e dos planos de desenvolvimento. Portanto, é necessária uma força coletiva muito grande para enfrentar o colonialismo e sua homogeneidade, e para isso é preciso assumir a diversidade de nacionalidades, ancestralidades, pensamentos e expressões.

Após as apresentações, as participantes foram divididas em seis grupos que trabalharam, em mapas corporais e territoriais, os principais efeitos dos sistemas de opressão (patriarcado, capitalismo e racismo) em relação a suas realidades contextuais e territoriais. As perguntas que orientaram o exercício foram: “Como os sistemas de opressão estão entrelaçados nos nossos corpos?” (3 grupos) e “Como os sistemas de opressão estão entrelaçados nos nossos territórios?” (3 grupos).

Os principais pontos que apareceram em cada grupo foram:

- Os corpos das mulheres sofrem pelo padrão de beleza que estabelece que só existe um tipo de mulher, que infantiliza seus corpos e limita suas vidas às tarefas de cuidado e à satisfação das necessidades dos demais.
- São formas de opressão sobre os corpos das mulheres e estão entrelaçadas: as violências físicas, psicológicas, sexuais, o feminicídio, a migração forçada, o tráfico e a exploração sexual das mulheres, a criminalização de decisões sobre o próprio corpo, como o aborto.
- Os corpos e as vidas das mulheres têm valor apenas quando servem para o cuidado e para a reprodução. As tarefas de cuidado das classes privilegiadas recaem sobre os corpos e vidas das mulheres negras e indígenas.
- Despossessão dos territórios e de terras para o poder corporativo.
- Expropriação e espoliação dos bens comuns como a água, as sementes, a terra e saberes ancestrais.
- Desvalorização das culturas originárias e invisibilização das identidades não brancas e suas contribuições e supervalorização das culturas brancas da Europa e da América do Norte.
- Imposição de crenças religiosas que justificam as opressões como desígnios divinos.



- Exclusão das mulheres, povos originários, do povo negro e mestiços da política.
- No debate em plenária foi observado que é difícil olhar para os corpos das mulheres separando-os dos territórios. Assim, foi evidenciado que as opressões estão conectadas e se sustentam entre si.

No debate em plenária foi observado que é difícil olhar para os corpos das mulheres separando-os dos territórios. Assim, foi evidenciado que as opressões estão conectadas e se sustentam entre si.

Terceira sessão módulo I - Efeitos e resistências dos sistemas de opressão nos territórios-corpo e na natureza

16 de junho de 2022

Objetivo: aprofundar as lutas e resistências das sujeitas plurais, no que diz respeito aos territórios e à natureza, identificando propostas de ação emancipatória.

Nesta sessão, começamos com uma mística proposta pelas companheiras do Paraguai sobre as [tecnologias ancestrais](#) das mulheres camponesas e indígenas em seu país e como o guarani - no caso do Paraguai - e as demais línguas indígenas que resistem em Abya Yala são línguas de resistência, força e identidade.

A partir da exibição de um vídeo sobre a resistência das mulheres em La Puya, na Guatemala, contra a [ofensiva da mineração sobre seus territórios](#), foi proposto que pensássemos nos exemplos de povos que resistem coletivamente, em suas batalhas contra os sistemas de opressão, nas quais não apenas resistem às opressões, como também apresentam propostas emancipatórias para enfrentá-las.

A fim de aprofundar esse tema, que conclui o primeiro módulo da nossa escola, foi realizado um painel no qual estiveram presentes Francisca “Pancha” Droguett, integrante do Movimento pela Água e Territórios - MAT Chile e Miriam Nobre, da Sempreviva Organização Feminista - SOF. Através de um vídeo, também pudemos contar com a intervenção de M Adams, uma pessoa negra queer, codiretora executiva de [Freedom Inc.](#) e militante do movimento Take Back the Land nos Estados Unidos.





Luta contra o extrativismo e a construção de alternativas pelo feminismo: Pancha colocou que o extrativismo, tido historicamente como a única forma de relacionar-se com a natureza através do controle, tem a ver com um modo de pensar colonial que continua a ser perpetuado mesmo em países progressistas através da instrumentalização e mercantilização da natureza, entendida como um meio de consumo. O extrativismo responde a uma das faces do capitalismo, a de explorar a natureza de forma intensiva e ilimitada a partir de uma economia colonial baseada na extração de matérias-primas e em monoculturas nos países do Sul Global para exportação. Há uma distinção entre extração e extrativismo: a população local sempre praticou a coleta e a pesca artesanal, mas que o extrativismo se baseia na extração intensiva e em grande volume e na exportação. O extrativismo é entendido como patriarcado e afeta as mulheres, meninas e pessoas dissidentes de gênero, particularmente como um modelo masculinizado que também impõe o disciplinamento e o controle dos corpos no controle territorial e militarizado, promovendo a exploração sexual nos territórios ocupados e saqueados. Ao mesmo tempo, na espoliação e despossessão extrativista, os povos e corpos são considerados descartáveis e são criadas “zonas de sacrifício” onde a população local é afetada pela presença intensiva de atividades poluidoras. Proposta de um feminismo do pé na terra, um feminismo popular enraizado na memória ancestral e nas histórias de vida de mulheres, crianças e pessoas dissidentes de gênero. Que está baseado nas propostas dos “bens viveres”, no plural, construindo um horizonte que vai além da ideia de desenvolvimento e propõe cadeias locais de produção e consumo, que retoma o conceito de economia local, com curtos circuitos de comercialização, redes de abastecimento popular baseadas na ética do cuidado e do autocuidado, cuidando da água, do território e das sementes.

Contribuições do transfeminismo negro como parte da resistência anticolonial: o vídeo da intervenção de M Adams destacou que as experiências de pessoas trans, dissidentes, agêneras e não-binárias diante da violência patriarcal e racista não são exclusivas e se situam diretamente no campo do feminismo. A luta trans anticolonial é uma luta anticapitalista pela autonomia corporal, pelo controle reprodutivo e, em última instância, uma luta por aquilo que é recriado e reproduzido na sociedade. Os transfeminismos oferecem uma forma de questionar até mesmo como entendemos quem e o que é uma mulher, um homem e quem, o que e como essas relações reprodutivas ocorrem, pois pessoas





transsexuais ou dissidentes de gênero rompem as expectativas e os contratos sociais que são impostos pelos sistemas de opressão. Como pessoas socializadas como meninas e mulheres, a função do nosso gênero é produzir, criar e educar outra geração de seres humanos que se tornarão então trabalhadores ou trabalhadoras. Os transfeminismos se opõem diretamente a essa função e defendem que nossos gêneros precisam ser libertados e que não devemos servir à produção de famílias e trabalhadores para nos adequarmos a um modelo capitalista. Os transfeminismos negros argumentam, assim, que a construção de gênero é uma história de poder e a relacionam com o processo colonial e de escravidão em que as pessoas negras não são consideradas seres humanos. Em um sistema de opressão racista, colonial e patriarcal, existem características animais e exóticas atribuídas ao gênero das pessoas negras. Adams aponta que elas são sexualizadas o tempo todo e, portanto, vistas como pessoas que merecem ser estupradas e violentadas, pessoas que de fato podem ser vítimas deste tipo de violência. Assim, a relação entre produção de gênero e capitalismo deve ser diretamente confrontada e desconstruída ao mesmo tempo em que se questiona a organização de gênero na sociedade, a fim de desfazer a categorização do poder através do gênero.

A luta a partir dos territórios e o pertencimento: Miriam Nobre propôs uma reflexão sobre como a ordem capitalista, racista, colonialista e patriarcal se impôs sobre nós. O conceito de plantation proposto pela militante negra Angela Davis e também utilizado pela escritora Grada Kilomba ajuda a explicar como o modelo colonial organizou os sistemas de opressão e estruturou inclusive nossas subjetividades. O sistema de opressão foi construído com a despossessão e espoliação de terras indígenas ancestrais, com o uso do corpo da mulher para superexploração, usando o corpo das mulheres negras e indígenas e sua função reprodutiva para criar outros trabalhadores. Na construção da resistência e das alternativas a esse sistema de opressão, é necessário reconceitualizar a natureza, desnaturalizando o vínculo mulher-natureza enquanto vínculo essencialista, mas reconhecendo o vínculo entre as comunidades tradicionais e a natureza, a fim de fortalecer nossas resistências. As noções de território e de pertencimento são fundamentais. A primeira, o território, extrapola e implode a noção de propriedade privada, justamente porque pensa em territórios como caminhos e não como cercamentos. Os cercamentos não levam em



conta o potencial de diversidade dos povos, das espécies e de suas inter-relações. Exemplo das quebradoras de coco no Brasil, mulheres que vivem e dependem da coleta de coco de palma babaçu para sua subsistência, que vivem da extração vinculada ao convívio com a natureza e que questionam a ideia de escassez, propriedade privada e cercamento. A segunda é a ideia de pertencimento, de enraizamento nos territórios, como resistência ao apagamento da memória ancestral. O reconhecimento e a reconstrução de nossos vínculos faz parte de um processo de organização e de construção de conhecimento. Há uma guerra que está sendo travada nesses enclaves da natureza, que são as reservas, que servem para manter a estabilidade climática, o reconhecimento da biodiversidade. Nosso compromisso não é apenas lutar para manter esses espaços, mas estar ao lado desses povos, reconhecendo suas contribuições e atuando para remover o caráter artificial dessas reservas.

Após as falas, foram organizados quatro grupos que debateram os desafios para a defesa dos nossos corpos e territórios e as propostas de ação para implementar nossa proposta emancipatória.

DESAFIOS

- Conseguir visibilidade
- Ofensiva permanente do neoliberalismo e do conservadorismo
- A sobrecarga de trabalho das mulheres
- Incentivar discussões e reflexão permanente sobre a descolonização do pensamento e do corpo das mulheres e a compreensão sobre nossos corpos, territórios e a natureza como um todo integral
- Garantir das condições materiais, políticas e de segurança para pessoas e povos em luta para a população do campo
- Construir propostas políticas plurinacionais
- Não perder a esperança.

AÇÕES

- Dar continuidade à formação, desenvolver o pensamento crítico,
- Identificar problemas nos territórios e realizar ações de mobilização, resistência e incidência
- Conhecer e recuperar a memória coletiva
- Criar redes nos territórios voltadas para as alianças, os cuidados e a solidariedade
- Romper com o modo binário de ver as realidades
- Realizar mobilizações para a emancipação e incentivar a criação de espaços de confiança
- Construir narrativas plurais e interseccionais a partir do cuidado e do amor.



Módulo II. Economia feminista: debates latino-americanos a partir de experiências territoriais concretas

O segundo módulo da Escola teve como objetivos:

- Visibilizar e aprofundar a proposta da economia feminista como uma ferramenta política e metodológica para repolitizar as práticas cotidianas e fortalecer as propostas de resistência e transformação.
- Facilitar ferramentas, espaços de análise e debate para alimentar reflexões, elevar a liderança e a capacidade organizacional a partir do nível territorial sobre as propostas da Economia Feminista.

Primeira sessão módulo II - Introdução à economia feminista

07 de julho de 2022

Objetivo: reconhecer nossas práticas como atividades econômicas e apresentar o conceito de economia feminista, sua origem e propostas.

A delegação chilena esteve a cargo da mística, compartilhando conosco a convicção de avançar rumo à liberdade, em aliança e cooperação com outras mulheres. Com um [vídeo](#), elas compartilharam uma experiência de feira de economia feminista e solidária, criada por organizações migrantes, ambientais, camponesas, entre outras. Também apresentaram o poema “Herederas de Libertad”, de Viviana Catrileo.

Ainda no momento inicial, assistimos um vídeo de saudação da [Brigada Feminista Internacional Alexandra Kolontai](#) em visita à Venezuela.

A economia feminista, para a MMM, não é apenas uma ferramenta para análise da realidade material e como um conjunto de categorias para enfrentar as opressões, mas também como uma estratégia de luta e transformação. Para introduzir o tema, propusemos identificar nosso entendimento e noções sobre esse conceito, realizando uma breve atividade no Mentimeter, com a pergunta: “Qual é a primeira palavra em que você pensa quando você pensa em economia feminista?”.

A economia feminista, para a MMM, não é apenas uma ferramenta para análise da realidade material e como um conjunto de categorias para enfrentar as opressões, mas também como uma estratégia de luta e transformação. Para introduzir o tema, propusemos identificar nosso



entendimento e noções sobre esse conceito, realizando uma breve atividade no Mentimeter, com a pergunta: “Qual é a primeira palavra em que você pensa quando você pensa em economia feminista?”



Algumas palavras compartilhadas pelas participantes

A palavra “vida” aparece no centro e foi compartilhada por várias participantes. Também surgiram palavras como “luta, trabalho reprodutivo, cuidado, redistribuição, anticapitalista, justiça, igualdade, respeito, geração de renda, estabilidade e moradia própria”. Dessa forma, vimos como, desde o início, associamos a economia feminista a propósitos opostos aos do modelo capitalista.

Para aprofundar e reunir nossos próprios conhecimentos e experiências em economia feminista, realizamos trabalhos em grupo. Foram feitas as seguintes perguntas: “O que entendemos por economia feminista? Quais práticas do seu cotidiano você identifica como parte da economia feminista?”

Sobre a primeira questão, os grupos argumentaram que a economia feminista é uma prática econômica e política que critica a economia hegemônica e que reconhece o trabalho reprodutivo e visibiliza o trabalho doméstico e de cuidados, tradicionalmente realizado por mulheres.

É uma proposta econômica que coloca a vida (humana e de outros seres) no centro, especialmente a vida das mulheres e dos povos. Ela desloca o foco da acumulação para a sustentabilidade da vida, está baseada nas nossas necessidades e no cuidado da natureza. A economia





feminista questiona e denuncia a economia capitalista patriarcal e colonial, que não leva em conta as formas históricas com as quais os povos organizaram sua alimentação, suas visões sobre o comunitário, suas práticas de intercâmbio e de não mercantilização. É por isso que a economia feminista é essencial para a soberania alimentar.

A economia feminista também busca superar a desigualdade, contribuindo para a autonomia econômica das mulheres, redistribuindo os recursos de forma mais igualitária, atribuindo um valor justo ao trabalho, superando o trabalho precário, a exploração, a divisão sexual e racial do trabalho.

As práticas identificadas no cotidiano foram:

- Importância do consumo consciente
- Reconhecimento de trabalhos realizados no âmbito familiar, reconhecimento da educação, do cuidado, da carga mental das mulheres, do cuidado das crianças e trabalho doméstico
- Compromisso político das mulheres na pandemia de trabalhar coletivamente, sobretudo na produção de alimentos a partir da soberania alimentar, dos cuidados a partir da medicina ancestral, enfatizando a redistribuição do trabalho de cuidados
- Produção e alimentação agroecológica, criação de redes entre o campo e a cidade, trocas
- Reconhecimento da luta pelo direito à terra e reconhecimento da contribuição das mulheres à sociedade
- Práticas como feiras, hortas, cooperativas e comedores populares
- Valores como solidariedade, trabalho comunitário e autogestão para enfrentar a precarização
- Construção das nossas próprias teorias com base nas nossas práticas cotidianas.

Após os debates coletivos, Nalu Faria, representante do Brasil na MMM das Américas, apresentou uma base teórica e uma visão histórica sobre as práticas e políticas da economia feminista, que se opõe à economia neoclássica.

Para os neoclássicos, a força motriz da economia é o indivíduo, suas



preferências e escolhas. Esse indivíduo, supostamente racional e independente, é chamado de “*homo economicus*”: um homem branco, adulto, heterossexual, de classe média ou alta, urbano,, considerado um sujeito universal. Essa é a base da visão androcêntrica da economia. Isso oculta completamente a contribuição fundamental do trabalho doméstico e de cuidado para a produção da vida, negando que esse homem depende do trabalho realizado pelas mulheres em suas famílias e que o mercado também depende desse trabalho invisibilizado.

Por outro lado, a exclusão das mulheres da teoria econômica ocorre através da invisibilização de sua produção de conhecimento e pela desvalorização das atividades realizadas pelas mulheres, especialmente as de cuidado, consideradas atividades que não são relevantes dentro da economia androcêntrica. Já as metodologias e propostas de análise da economia feminista ampliam o que é entendido como econômico.

Quanto à cronologia da economia feminista, é importante ressaltar que a partir dos anos 1970, tanto a crítica metodológica como epistemológica das tradições existentes ganharam força, com uma importante elaboração teórica e análise empírica, influenciadas pelos acúmulos da segunda onda do movimento feminista.



Linha do tempo da economia feminista apresentada na sessão



Na América Latina e no Caribe os caminhos da economia feminista conectam o pensamento acadêmico com os movimentos sociais; a Rede Latino-Americana de Mulheres Transformando a Economia (REMTE) se torna referência a partir dos anos 90, assim como a construção desse debate na própria MMM desde seu surgimento como movimento.

A economia feminista não é um campo homogêneo, existem correntes:

Economia de gênero: inclui as mulheres a partir do paradigma econômico neoclássico, sem questionar metodologias e estruturas de pensamento. Por exemplo: incorporação das mulheres no discurso das corporações transnacionais.

Economia feminista da conciliação: recupera as atividades realizadas pelas mulheres que são invisíveis busca integrá-las à economia geral.

Economia feminista da ruptura: coloca a questão da sustentabilidade da vida no centro da teoria e da política econômica como um horizonte para superar a lógica da acumulação.

Segunda sessão módulo II - Aprofundamento dos conceitos e apostas da economia feminista a partir de diferentes territórios

21 de julho de 2022

Objetivo: Conhecer e aprofundar os conceitos, ferramentas e apostas da economia feminista da ruptura

Nessa sessão, a mística foi realizada pelas companheiras do Brasil, que homenagearam a quilombola Tereza de Benguela no marco do Dia da Mulher Negra, Latino-americana e Caribenha, celebrado em 25 de julho. Tereza de Benguela foi uma liderança negra que, no século XVII participou da organização da resistência das pessoas escravizadas no Quilombo Quariterê. Depois, passamos a trabalhar o que é a economia feminista para a MMM e conceitos e ferramentas fundamentais dessa aposta: trabalho e tempo das mulheres, divisão sexual e racial do trabalho, dependência e interdependência, bens comuns e sustentabilidade da vida.

Economia feminista para a MMM:

- Dimensão econômica da vida das mulheres a partir de um lugar situado





- Oferece elementos para uma compreensão crítica da economia dominante
- Nos organizamos a partir da visão da economia feminista da ruptura, para dismantelar as relações colonialistas, capitalistas e heteropatriarcais que definem o atual modelo e sistema
- Perspectiva de que há outra forma de viver, que precisamos manter a crítica
- Avançar na construção de uma proposta em que a sustentabilidade e a reprodução da vida estejam no centro
- Fortalecer experiências de desmercantilização do sistema e transformação das relações de poder, consumo e produção
- Desenvolver propostas antissistêmicas e de resistência a partir da contribuição das mulheres e povos.

Divisão sexual e racial do trabalho na visão da MMM do Brasil:

É preciso desnaturalizar o trabalho doméstico e de cuidado para as mulheres e refletir sobre estas atividades como trabalho e sua contribuição para a economia e para a vida. Desigualdades e diferenças podem ser identificadas entre a cidade e o campo. As mulheres rurais trabalham nas hortas, nos quintais, no cuidado das crianças, tarefas que muitas vezes se tornam invisíveis.

A divisão sexual e racial do trabalho se baseia na separação, hierarquia, invisibilidade e nenhum ou baixo salário. Em nossas sociedades, esse trabalho mal remunerado é realizado majoritariamente por mulheres negras, indígenas e migrantes que são forçadas a sair do campo e que o fazem para pessoas com trabalhos visíveis e remunerados. A divisão sexual, racial e internacional está no centro deste modelo de colonialismo corporativo, na reprodução e na produção. Nisso se dá nossa crítica às corporações, como vemos as cadeias globais, de trabalho sem proteção, separação no trabalho produtivo. A sobreposição de sistemas de opressão e a centralidade do trabalho estão na nossa agenda feminista.



Interdependência e ecodependência - exposição da MMM do Chile:

Interdependência: dependemos da vida comunitária em oposição à economia capitalista, na qual se afirma que é possível fazer tudo sozinho, como se não houvesse cuidados e não precisasse de outros serviços.

Ecodependência: relação com a natureza, dependência de seus recursos naturais.

Esses são princípios que orientam e estão em prática em experiências da economia feminista, como a da cooperativa “La cucha”, em Biobio, no Chile e da Conamuri no Paraguai, que trabalham a partir da solidariedade, autonomia e autogestão.

Resgate dessas experiências construídas com base na agroecologia, no feminismo, nas contribuições das mulheres à agricultura camponesa, respeitando o tempo da natureza. Experiências que conectam o campo e a cidade através da comercialização de cesta e visibilidade das produtoras para consumidores.

Bens comuns e sustentabilidade da vida - exposição de Milvian Aspuc, da organização AFEDES, da Guatemala

Experiência da AFEDES, organizada por mulheres indígenas do povo maia Q'eqchi e Kiché para melhorar as condições e superar a desigualdade e a exploração.



Cosmomovisão maia “Utz’ K’alesmal”, que significa “vida em plenitude”, a partir do princípio do bem viver e da conexão em rede de tudo aquilo que compreende a vida.

A crise desse modelo capitalista depreca a existência: para que haja vida, precisamos de ar, água, terra, sol, sementes.

Práticas das mulheres indígenas: agricultura sustentável, autodeterminação como um direito fundamental, recuperação dos próprios sistemas de vida, sistemas ancestrais, nossa alimentação como parte da resistência, trocando nossos conhecimentos para nos fortalecer. Essas práticas recuperam as visões ancestrais dos povos em seus territórios, reconhecem o trabalho das mulheres como substancial, apostam pela ruptura e se colocam contra os tempos colonial, capitalista e patriarcal.

Após as exposições, foram formados grupos para ler coletivamente o texto O agravamento da contradição capital-vida do guia da IFOS e responder à pergunta “Como o conflito da capital-vida se manifesta e se expressa no nosso cotidiano?”, selecionando três principais ideias.

As principais ideias que surgiram nos grupos foram:

1. Capitalismo e patriarcado. O lucro dos ricos é a principal necessidade do sistema, e não os problemas dos povos, como o acesso à saúde, à alimentação e demais serviços, assim como o emprego digno. Sociedade do consumo, criação de falsas necessidades.

2. Controle dos tempos da vida, trabalho doméstico e reprodução da vida invisibilizados e não remunerados, com falta de tempo para o autocuidado. Negação dos conhecimentos ancestrais, tradicionais e epistemológicos dos povos originários também afeta a organização dos tempos e da vida das comunidades.

3. Empresas transnacionais e extrativismo, com monocultura, devastação de territórios e repressão, com tentativas de destruir a identidade das comunidades e povos.



Terceira sessão módulo II - Visões e apostas políticas da economia feminista a partir da Marcha Mundial das Mulheres

04 de agosto de 2022

Objetivo: Apresentar a visão da MMM sobre a Economia Feminista e sua contribuição à construção de alternativas econômicas emancipadoras e antissistêmicas, bem como sua inter-relação e alianças com outras apostas e propostas para a emancipação no âmbito político e econômico a partir do território e da região.

A mística dessa sessão foi realizada pelas companheiras da Venezuela, que compartilharam um vídeo que sintetiza a resistência em defesa da soberania do país e a defesa dos corpos e territórios das mulheres.

Para dar início à sessão, foi realizada um breve resumo dos acúmulos das duas primeiras sessões, sobretudo da visão e prática da MMM a partir da economia feminista da ruptura. Em seguida, formaram-se quatro grupos para trabalhar os seguintes temas da economia feminista: (1) soberania alimentar, (2) bens comuns, (3) trabalho produtivo e autonomia econômica e (4) trabalho reprodutivo e de cuidados.

Em plenária, as participantes apresentaram as discussões em grupo e três integrantes do Comitê das Américas, Tita Godínez, da Guatemala, Graciela López, da Bolívia, e Mafalda Galdames, do Chile, fizeram uma exposição conectando as discussões em grupo com os acúmulos da MMM.

1. Soberania alimentar

A soberania alimentar tem muitos pontos em comum com a economia feminista, pois é uma contraproposta à economia capitalista, à mercantilização e ao extrativismo. A soberania alimentar é uma alternativa mais humana para produzir alimentos saudáveis. Por isso, é importante que esteja presente nas lutas e práticas, com formação para as mulheres para que possam participar politicamente e lutar contra as transnacionais e o modelo extrativista. Também é fundamental ter consciência da importância dos alimentos locais e do que isso significa para a sustentabilidade da vida.



A soberania alimentar é uma proposta apresentada inicialmente pela Via Campesina. Organizações camponesas e de mulheres promoveram essa luta contra a “segurança alimentar” apresentada pela FAO e organismos multilaterais através da industrialização de alimentos e sementes geneticamente modificadas. A partir desse momento, a soberania alimentar tornou-se um princípio de vida para o feminismo camponês e popular e tem sido uma luta permanente para defender as sementes nativas/crioulas e nossos próprios cultivos, preservando a biodiversidade.

2. Bens comuns

Existem diferentes perspectivas sobre os bens comuns, pois temos experiências diferentes de acesso a esses, por exemplo, a água e a eletricidade são nacionalizadas no Quebec, mas no Chile a água é privatizada. É necessário estabelecer relações de solidariedade e criar vínculos para proteger o essencial da vida. Portanto, a vida e o corpo das mulheres precisam ser desmercantilizados. É importante questionar o sistema estruturalmente e gerar propostas antissistêmicas a partir da economia feminista.

Somos atravessadas por um modelo capitalista colonialista heteropatriarcal racista, cujo núcleo é a privatização e a mercantilização. A partir da proposta de livre autodeterminação dos povos e do feminismo, questionamos este modelo. Mulheres, feministas e a população negra e indígena contribuem para a construção de novas categorias e para a reconstrução de uma memória histórica.

A proposta para os bens comuns vem de uma visão coletiva do mundo que coloca a vida no centro. Para que sejam comuns, têm de estar fora do modelo capitalista, a partir do reconhecimento de que fazem parte da teia da vida, são interdependentes para a reprodução e a sustentabilidade da vida. O cuidado profundo que temos com a vida é outro bem comum.

Há uma disputa permanente nos territórios pelo controle dos bens comuns, dos corpos das mulheres e da biodiversidade. A proposta da MMM é antissistêmica, rompendo com a visão dicotômica do privado e do público, baseada em outra lógica de concepção sobre a vida, com pensamento crítico para a organização e ação política em nível territorial.





3. Trabalho produtivo e autonomia econômica

As mulheres sustentam a economia e a vida através do trabalho doméstico e de cuidados, que são necessários para que o trabalho produtivo aconteça. Por esse motivo, as mulheres têm o dobro ou o triplo da jornada de trabalho dos homens, somos pobres de tempo e não temos espaço para o autocuidado. Portanto, propomos a redistribuição de tarefas para a participação política, econômica e social das mulheres. Os Estados devem reconhecer o trabalho das mulheres, incorporando políticas públicas para a igualdade de gênero e a reorganização do trabalho.

É um desafio romper com as relações de poder e reconfigurar as relações entre nós e a natureza, parar de reproduzir os ritmos do capital e colocar a vida no centro. É importante parar de depender do dinheiro e cultivar nossos próprios alimentos, mas há uma disputa com a disponibilidade dos meios de produção e dos bens comuns, que são monopolizados pelo capital. Temos que defender nosso território e nosso corpo com solidariedade, intercâmbio e experiências em rede nos territórios. Devemos romper com a lógica do capital, reorganizando o trabalho com base na autodeterminação e no resgate da memória ancestral.

4. Trabalho reprodutivo e de cuidados

O tempo de trabalho de cuidado é central e as jornadas flexíveis podem ser uma armadilha que transforma o dia em uma tripla jornada de trabalho. Somos criticadas, ficamos estressadas e doentes. É importante tornar visível o trabalho reprodutivo, que não é reconhecido economicamente ou socialmente.

Temos o desafio de ampliar os serviços de cuidado infantil nos locais de trabalho, repensar a cidade e o transporte a partir do e cuidado, garantir o cuidado das crianças e dos idosos, tornar os homens corresponsáveis, educar as diferentes gerações. O sistema tem que se adaptar ao fato de que os homens também devem cuidar e toda a comunidade deve participar desse trabalho.

O trabalho é um conceito integral, as mulheres contribuem para a economia através do trabalho produtivo e reprodutivo, mas precisamos ter tempo para nós mesmas. No trabalho produtivo, fomos as mais atingidas pela crise, e ainda temos que lutar por condições iguais e para estar em espaços tradicionalmente masculinizados, como os sindicatos.



Também estamos nos espaços de luta comunitários. A economia cooperativa, camponesa, social e solidária, a agroecologia e a soberania alimentar são caminhos da economia feminista.

Para concluir, as facilitadoras “amarraram” dimensões ou tensões que identificaram na sessão para dialogar sobre nosso projeto político e formas de reorganizar a vida:

Comuns x acumulação/despossessão

O modelo extrativista mercantiliza e privatiza os bens comuns. A partir da economia feminista, questionamos esse modelo e disputamos os territórios. Os comuns são uma proposta política que visa transformar a forma como a vida é sustentada, mas existem diferentes perspectivas sobre eles. É importante discutir como preencher essa categoria com conteúdo a partir da perspectiva do feminismo popular e reforçar que é uma responsabilidade coletiva cuidar dos bens comuns porque eles também fazem parte da reprodução da vida, nós somos eco dependentes.

Transformação do sistema x políticas públicas que ressignificam/expropriam nossas apostas

Estamos em transição para o horizonte de transformação que desejamos, gerando práticas concretas que nos aproximam. Estamos tentando enfrentar o sistema capitalista, mas existem contradições na vida cotidiana. Então, nessa transição, como articular as práticas, demandas e agendas comunitárias para avançar na reorganização do trabalho reprodutivo e, ao mesmo tempo, na igualdade de direitos no trabalho produtivo?

A economia feminista nos mostra que é possível ter alternativas ao sistema, mas como articulamos as experiências comunitárias com políticas públicas de desprivatização e desmercantilização que contribuem para nossos objetivos?

Economia conciliatória x economia feminista de ruptura

Tensões entre a regulamentação do trabalho doméstico e de cuidado (conciliação) e outras formas de organização do trabalho reprodutivo (posição de ruptura). Na MMM, falamos de reorganização e, portanto, da crítica a setores da economia feminista que se concentram mais na



conciliação para as mulheres entre a reprodução e a produção. Devemos aprofundar nossas propostas em relação à redistribuição de papéis e como podemos parar de reproduzir a lógica do capital.

Articulação de lutas

A importância de articular lutas e respostas contra o sistema capitalista. Por exemplo, como a economia feminista dialoga com a soberania alimentar; como contribuímos para fortalecer os laços entre o campo e a cidade; como ligar a ancestralidade aos novos conhecimentos, pensando sobre o que garantirá a defesa da vida. É necessário unir mais forças locais-nacionais-globais.

Quarta sessão módulo II - Propostas da MMM para disputar a economia

18 de agosto de 2022

Objetivo: Aprofundar a reflexão sobre os posicionamentos da MMM a partir da perspectiva feminista para enfrentar o conflito capital-vida e afirmar uma proposta integral da disputa de modelo para avançar propostas antissistêmicas e emancipadoras.

A mística desta sessão foi realizada pelas companheiras da MMM da Guatemala, que compartilharam um [vídeo](#) da Alianza Política Sector de Mujeres sobre processos de cura a partir da proposta do bem-viver e de práticas e conhecimentos ancestrais. Elas também exibiram um [videoclipe](#) da cantora Sara Curruchich, guatemalteca de origem maia kaqchikel, militante dos direitos das mulheres e povos originários no país.

As facilitadoras apresentaram as questões norteadoras a serem discutidas em plenária, descritas abaixo, junto com os resultados do debate:

Questão 1. Como enfrentamos o modelo extrativista e geramos conscientização sobre a defesa dos bens comuns?

- Recuperando a memória histórica e o papel das mulheres na defesa da vida
- Recuperando a definição de bens comuns





- Realizando campanhas que deem visibilidade aos efeitos do extrativismo
- Propondo outros modos de viver; desmercantilizar é defender os bens comuns
- Fortalecendo a organização de mulheres, a construção coletiva e a articulação
- Propondo processos conjuntos de formação e luta.

Questão 2. Como podemos propor transformações de modelo e sistema ao mesmo tempo em que exigimos proteção e ampliação de direitos por parte do Estado sem que nossas propostas sejam apropriadas pelo modelo e sistema?

- Com educação e mobilização para mudar as leis dos Estados
- Conhecendo o funcionamento do sistema. dos Estados e da democracia
- Construindo propostas que não perpetuem as relações de poder
- Construindo poder plurinacional
- Fortalecendo as vozes das mulheres, dos povos indígenas e do movimento ambientalista.
- Com equilíbrio no trabalho com as bases e com fiscalização social
- Tendo em perspectiva nossos princípios: soberania, poder popular, sustentabilidade da vida etc.

Questão 3. Dentro da economia feminista da ruptura, quais são as nossas propostas para a redistribuição do trabalho doméstico e de cuidados?

- Construir um imaginário que transforme as relações de poder orientadas pelo heteropatriarcado;
- Colocar a vida no centro e não criar hierarquizações
- Só a redistribuição não é suficiente
- Passar da redistribuição à reorganização dos papéis de cuidado e do trabalho doméstico.



No segundo momento da sessão, foi realizada uma conversa para conhecer as propostas e debates de mulheres de organizações e movimentos aliados, como a REMTE e a Amigos da Terra. Estava prevista a participação da Conamuri/Via Campesina, mas a companheira que estaria representando essas organizações não pode estar presente.

Letícia Paranhos, da ATALC (Amigos da Terra da América Latina e do Caribe), falou da agenda da organização na construção do feminismo e do ambientalismo popular, da proposta de disputar a política contra a privatização, a mercantilização e todas as formas de opressão e fazer da luta contra as transnacionais e as maquiagens lilás e verde das empresas uma agenda. No campo das alianças, pontuou a importância da formação política e de gerar laços de confiança entre as organizações, compartilhando saberes e conhecimentos, com alianças em diferentes escalas e orientando-se pelo feminismo popular.

Já Alba Carosio falou sobre a proposta da REMTE de economias transformadoras feministas. Ela resgatou os retrocessos que aconteceram durante a pandemia no trabalho, na educação e na saúde e a sobrecarga das mulheres no período. Falou da importância de reorganizar os cuidados, fortalecer os serviços públicos e construir movimento e alianças, mantendo os feminismos conectados em rede, com alianças que possibilitem aprendizados e crescimento, tendo em perspectiva quais são nossos objetivos em comum, o que fazemos e o que nos preocupa, aprendendo metodologias de forma solidária e compartilhada, através da confiança e do reconhecimento do protagonismo coletivo.

Módulo III. Construção de movimento

Objetivo: Contribuir para o fortalecimento dos processos de construção do movimento, identidade e pertencimento à Marcha Mundial das Mulheres e seus processos de organização nos territórios, bem como fortalecer as convergências com as organizações aliadas e definir algumas linhas de ação.



Para analisar a situação das nossas organizações na região, realizamos outra atividade coletiva respondendo às seguintes perguntas: “Quais são os principais pontos fortes das nossas organizações no atual contexto?” e “Quais são as principais ameaças vivenciadas pelas nossas organizações no atual contexto?”.

Pontos fortes:

1. Alianças e articulação, com organização coletiva regional, nacional e internacional e também criação de redes de cuidados.
2. Estratégias de comunicação e formação, metodologias e um esforço de sistematização e construção de história e de memória, com a capacidade de aprofundar, complexificar e elaborar nossas ideias.
3. Temas e propostas comuns na construção política, tais como a diversidade, a luta pelo aborto, a luta ambiental e plurinacional, pelo bem viver, a luta anticapitalista e antirracista, a luta contra a violência de gênero, a economia dos cuidados e a economia solidária.

Principais ameaças:

1. Contextos políticos na nossa região que incluem regimes de exceção ou de sítio, perda de direitos constitucionais, perseguições políticas, crime organizado e violência, avanço dos fundamentalismos religiosos e políticos, extrativismo, alianças de governos e religiões conservadoras, acordos de ajuste econômico com o FMI, criminalização dos movimentos sociais, migração de mulheres e jovens, corrupção e cooptação do Estado, com direitos que não são aplicados e leis que não se materializam.
2. Dificuldades na organização feminista devido a organizações de fachada, falta de financiamento e infraestrutura, não reconhecimento dos trabalhos de cuidados, falta de informação e comunicação, e dificuldades na incorporação do feminismo nos movimentos de esquerda.

Os pontos comuns que surgiram na plenária trouxeram elementos para pensar em como podemos enfrentar as ameaças a partir dos nossos pontos fortes. No momento seguinte, nos organizamos em grupos para aprofundar nossos desafios diante de alguns dos contextos que





surgiram durante os debates na escola: 1. Avanço do fundamentalismo religioso; 2. Ofensiva da direita internacional; 3. Consolidação da unidade na diversidade.

1. Avanço do fundamentalismo religioso

O fundamentalismo tem muita força de organização e capacidade de incorporar as pessoas. Na Martinica, por exemplo, há mulheres que não pertencem necessariamente a uma religião evangélica, mas que são acolhidas por esses grupos, como as mulheres migrantes.

O fundamentalismo neopentecostal alcança pessoas que vivem na pobreza e que já não acreditam mais na política, na organização social.

O avanço do fundamentalismo procura impor sua ideologia, sua maneira de ser e de agir a todas e todos, muitas vezes com base na desinformação e na ausência de uma reflexão mais profunda e diversa. Isso nos levou a um retrocesso de conquistas que já tínhamos alcançado.

Criminalizam ideologias divergentes, promovem o discurso do ódio, discriminam as dissidências sexuais, acreditam que falar de gênero é promover a homossexualidade, a promiscuidade etc., sem possibilitar o debate de políticas não sexistas, por exemplo.

Isso coloca o desafio de reconstruir nossa identidade que foi retirada pelo fundamentalismo e pelo poder econômico, com narrativas mais amplas, diversas, inclusivas e com foco na defesa dos direitos humanos. Construir comunicações e narrativas não hegemônicas, a partir de uma abordagem inclusiva e diversa, para enfrentar os discursos de ódio.

Como podemos trabalhar e articular a questão dos governos que têm práticas fascistas e que estão relacionados a esses grupos. Ter cada vez mais capacidade de incidência nos espaços de decisão a partir das nossas redes nos territórios e nas comunidades, porque os setores fundamentalistas estão presentes em diferentes níveis da política, e fazer um diagnóstico sobre a presença do fundamentalismo em nossos territórios.

Como podemos enfrentar os discursos que foram criados em torno da figura de Deus durante séculos, reificando e normalizando um estereótipo feminino. Um “deus” branco, que diz que todas as pessoas têm que ser heterossexuais.





2. Ofensiva da direita internacional

A direita está globalizada e tem um modus operandi semelhante nos países: tenta separar os povos, tem poder econômico, poder de massas e influência e isso nos leva ao primeiro desafio, que é a unidade dos povos para reunir forças e poder combatê-la.

A direita atua em unidade com a Igreja Católica e os setores neopentecostais e temos que pensar como podemos trilhar nosso caminho na luta feminista para não ficarmos apenas no discurso, pois precisamos de força de massas, comunicação, capacitação tecnológica, para conhecer os espaços onde está à direita, para conhecer o inimigo, para nos organizar melhor e para enfrentar esses discursos que promovem a desunião.

3. Consolidação da unidade na diversidade

A unidade é um meio para a transformação que depende da conjuntura e do contexto, não é um fim em si mesmo, depende dos debates e de uma agenda comum, com temas para consolidar a unidade na diversidade.

É importante definir que movimento somos, quais são nossas definições políticas, reconhecer que há divergências, para levar adiante nossa resistência e disputar setores conservadores com resistência articulada. Reconhecer-se como anticapitalista, anti-imperialista e antipatriarcal, assumindo que existem diferenças de método e posicionamento, mas em unidade com um projeto político com diversidade de abordagens.

Dentro do campo do feminismo popular, devemos nos conectar com outros movimentos sociais antissistêmicos, construindo uma prática capaz de nos manter unidas, sem deixar ninguém para trás, sem sectarismos. Promover um intercâmbio entre nossas organizações, reconhecendo os saberes de nossas antepassadas.

Falar dos lugares nos quais temos posições diferentes, com pactos que não nos confrontem ou nos desarticulem, mas que possamos construir cumplicidade e confiança, com uma ética de trabalho que parta também daquilo em que divergimos, com o objetivo de erradicar o patriarcado, mas também o racismo e o capitalismo na prática.



Devemos também pensar em como disputar o simbólico para renovar nossas lutas e nossa militância e como podemos incluir mais pessoas.

Precisamos atuar na defesa do Estado laico, na promoção da educação sexual nas escolas, na política e na comunidade.

A apresentação das discussões em grupo nos deu elementos para pensar sobre o lugar de enunciação política que propomos a partir da Marcha Mundial das Mulheres e suas alianças, já que o movimento tem uma proposta antissistêmica e busca ter uma prática política e coerente a partir dos sujeitos que o constroem, que são as feministas populares e comunitárias.

Podemos ver que a unidade na diversidade é uma proposta a longo prazo e os desafios têm a ver com a busca da transformação da sociedade. E precisamos enfrentar as disputas que estão presentes nos territórios e nas alianças, com a clareza de que estamos enfrentando e confrontando sistemas de opressão que têm uma materialidade de poder territorialmente.

Por último, lemos um trecho do texto do guia da Escola Feminista Internacional Berta Cáceres (IFOS) sobre a construção do movimento, que afirma:

“

Partimos do reconhecimento às lutas de resistência de mulheres, de pessoas trans e da diversidade sexual em suas comunidades e povos em todo o mundo. Por isso, que uma primeira luta é pela nossa memória e pela possibilidade de construir nossas próprias histórias. Partir da memória, de onde viemos e de quem nos antecedeu, nos fornece uma fonte dupla de ensino: compreender as violências que havíamos vivido e ainda vivemos, mas também as resistências e alternativas que nos permitiram sobreviver.



Segunda sessão módulo III - Elementos para a construção de movimento

15 de setembro de 2022

Objetivo: Fazer uma reflexão coletiva sobre alguns elementos e estratégias vitais para a construção de movimentos feministas antissistêmicos e emancipadores.

A mística dessa sessão foi realizada pelas companheiras do México, que compartilharam um vídeo sobre a experiência do [encontro de mulheres zapatistas](#), realizado em Chiapas, em 2018.

Nessa sessão, a proposta foi apresentar quatro elementos imprescindíveis para a construção da MMM: sujeita política, comunicação popular, educação popular e mística. Esses elementos foram trazidos à plenária, respectivamente, pelas companheiras Carmen Díaz, do México, Natália Blanco, do Brasil, Sandra Morán, da Guatemala, e Alejandra Laprea, da Venezuela.

Sujeitas políticas: capacidade de consciência crítica, de reinterpretação da realidade, disposição e ação para a transformação, construção de um projeto alternativo.

Como articular e colocar nosso potencial de emancipação em prática e enfrentar a própria internalização das opressões? É preciso refletir sobre nossas práticas frente à violência, ao racismo, ao heterossexismo.

A construção de sujeitas políticas passa por práticas de promoção da diversidade entre nós e do enfrentamento das hierarquias, conflitos e exaustões que podem se fazer presente.

Também coloca a necessidade de construir práticas para lidar com os conflitos, falar das nossas contradições e construir estratégias para o cuidado coletivo, de forma que a militância dê vida, afeto e força.

Mas como construímos essa(s) sujeita(s) política(s) e como sustentar o movimento e mantê-lo a partir disso?

- Com educação popular como ferramenta de conscientização política;
- Com condições para a participação - com organização, com justiça linguística, dando visibilidade aos trabalhos de logística;



- Com ferramentas de facilitação, de síntese, de mobilização, com divisão de tarefas que sustentam nosso movimento, como segurança, batucada, tradução, interpretação, porta-vozes;
- Com solidariedade internacionalista;
- Com justiça e democracia: reconhecendo os trabalhos de cuidados, compartilhando as tarefas de forma mais justa e tornando-as visíveis;
- Com articulação e comunicação, fundamentais para a ação e propostas coletivas.

Não temos receitas prontas, mas temos capacidade epistemológica, geramos comunidades, aprendemos nas ações, celebramos e festejamos nossas rebeldias.

Comunicação feminista e popular: um processo coletivo de aprendizado, a partir da ideia de que todas nós somos comunicadoras, todas nós podemos produzir e distribuir cultura e comunicação a partir das nossas iniciativas auto-organizadas, a partir das nossas realidades e experiências, a partir dos nossos acúmulos. Com a comunicação feminista e popular, disputamos o processo político que queremos construir, enfrentamos as lógicas hegemônicas de comunicação no capitalismo digital, disputamos a concentração de propriedade do poder corporativo. Na nossa leitura, o capitalismo digital impactou nossas soberanias, criando lógicas de desinformação. Mas, para nós, a comunicação está além do uso da internet e das redes sociais. Construimos uma comunicação com as nossas características enquanto movimento, com diversidade de idiomas, de rostos, de vozes, de sotaques, com referências coletivas que permitam nossa conexão.

Educação popular feminista: nós construimos conhecimento a partir das palavras dos povos e dos movimentos. A educação é uma ferramenta político-pedagógica que nos ajuda a desenvolver processos de formação com um objetivo claro, que é a construção de sujeitos políticos, a capacidade de lutar, de construir alternativas e nos unir para criar movimentos que fomentem as alternativas. A educação popular feminista não é um mero desenvolvimento de assuntos, é um processo formativo que tem como base a educação popular de Paulo Freire e é ampliada a partir das experiências do feminismo, dos saberes ancestrais, das cosmovisões dos povos, com uma perspectiva decolonial. Na educação popular feminista também incorporamos os processos de cura como processos coletivos, e através deles vamos fortalecendo nosso ser, nossas ações. Incorporamos a reflexão sobre



nossos territórios, nossas casas e nosso corpo, que é nosso primeiro território, objeto de disputa, alvo do racismo, da violência, da vergonha, da culpa introjetada. Incorporamos as diversas espiritualidades dos povos originários, sua relação com a natureza, contrapondo-se à religião colonial trazida como instituição.

A educação popular feminista nos permite ampliar as análises, as formas de compreender como operam os sistemas de opressão nas nossas vidas e corpos. Nela, partimos da realidade, das nossas diferentes histórias e realidades, é a partir delas que encontramos possibilidades de encontro, que podemos entender como o sistema funciona de diferentes modos, mas com elementos em comum. A educação popular feminista engloba:

- Desnaturalizar e questionar o que nos foi ensinado;
- Recuperar a nossa história, o papel das mulheres nos bairros, nas comunidades, recuperar as lutas das donas Maria;
- Visibilizar nossas lutas, visibilizar nossas identidades entre nós mesmas;
- Desmantelar o sistema, construir uma nova proposta, com novos elementos;
- Construir nossas teorias ao invés de incorporar teorias que não tem nada a ver com nossos movimentos.

Memória e mística: A expropriação da memória é um mecanismo que funciona como parte da opressão simbólica e cultural, para legitimar discursos que sustentam o racismo, o colonialismo, o patriarcado e a opressão. Mas os povos não são vítimas passivas desses processos, os povos resistem e constroem uma história de resistência que estamos colocando em prática no continente desde a formação dos nossos países no século XIX.

Preservar a memória é um ato de rebeldia. É a base de uma construção coletiva com uma subjetividade própria, que se baseia em princípios, valores e emoções. É um ponto forte do nosso movimento saber de onde viemos, quem somos e quais são nossas lutas e ações históricas, nossas contribuições. Nós construímos memória e a mantemos viva sistematizando nossas propostas, através de fotografias, de pinturas, grafites, poemas, lendas. Temos que fortalecer e reivindicar a oralidade como uma fonte de resistência cultural. A memória é um processo de



construção que não tem a ver somente com o passado, mas com a construção do presente e do futuro. A memória se constrói no cotidiano, com nossas palavras de ordem nas ruas: “Somos as netas das bruxas que não conseguiram queimar, netas das escravas que não conseguiram estuprar, netas das indígenas que não conseguiram matar”.

A mística também é um espaço de visibilidade e de construção de memória. A mística tem como primeiro objetivo nos conectar com as nossas emoções, com o nosso corpo, com a reflexão política, limpando as nossas mentes das distrações, gerando sintonia entre nós, com a força de estarmos juntas. É uma prática política que reivindica a ludicidade, a espiritualidade, a estética, a cultura, a subjetividade. É um espaço no qual unimos nossas reflexões e ações. É um espaço de busca e de construção de subjetividade e de sentidos comuns próprios. Não existe uma forma só de fazer mística, ela deve ser adaptada pelos territórios, pelas necessidades culturais e espirituais das organizações. Outro objetivo da mística é possibilitar um encontro conosco e com as demais, gerar sentido de pertencimento, de coletividade, para compartilhar sonhos e visões de mundo.

Após as exposições, as participantes foram divididas em grupos para responder às seguintes perguntas: “Como colocamos em prática nos nossos movimentos e territórios os elementos trabalhados na sessão” e “Quais outras ferramentas ou metodologias colocamos em práticas nas nossas organizações para a construção de movimentos antissistêmicos e emancipadores”. A exposição foi realizada na sessão seguinte.

Terceira sessão módulo III - Nossa construção de movimento: desafios e alianças

29 de setembro de 2022

Objetivo: Refletir sobre a contribuição do processo de alianças na trajetória da MMM como um aspecto fundamental para o fortalecimento do feminismo popular

Essa sessão marca o encerramento da Escola Feminista. A mística foi realizada pelos três grupos da escola, o de metodologia, o de técnica e o de interpretação, responsáveis por dar um “presente coletivo” para as participantes. A metodologia e a técnica presentearam as participantes



com duas colagens que representam o percurso da escola e também com um vídeo de apresentação de uma das integrantes da técnica, Natalia Blanco, interpretando a canção “Derecho de nacimiento”. As intérpretes ofereceram a leitura coletiva do poema “Sanación”, da poeta mapuche Adriana Paredes Pinda.



Colagem realizada pelas integrantes do grupo técnico da Escola

Após esse primeiro momento, os grupos apresentaram os debates realizados na sessão anterior e trouxeram os seguintes elementos:

- A metodologia da educação feminista popular nos nossos movimentos ajuda a iluminar conceitos, ilustra as lutas travadas pelas mulheres, permite incorporar as metodologias próprias das mulheres indígenas, com seus idiomas e diversidade. Importância da oralidade e das práticas de autocuidado na pandemia, dos conhecimentos territoriais e reconhecimento dos saberes dos povos originários.
- A construção das sujeitas políticas nos motiva a seguir porque é na diversidade e na pluralidade dos territórios e organizações que unimos forças, é também o que permite que nossas vozes passem a ser ouvidas nos movimentos mistos.
- A mística é um elemento novo para alguns países e territórios, como o Quebec. A mística é uma forma fundamental de fortalecimento dos nossos coletivos em contextos determinantes, como no recente processo constituinte do Chile. A importância da memória e da





união geracional, como no caso das mães e avós da Praça de Maio na Argentina e suas “filhas e netas”, feministas da nova geração.

- Sermos todas comunicadoras exige ter cuidado com o que comunicamos, para não comprometer nossa segurança ao colocar o corpo nas lutas.
- A memória, a mística, a comunicação e a construção da sujeita política estão interrelacionadas.

Outras ferramentas e metodologias:

- Construção de meios de comunicação feministas locais, como revistas, podcasts, blogs.
- Reivindicação da rua como espaço de construção de movimento e de conscientização
- Jornadas de luta dos movimentos negros, luta pela valorização das contribuições das pessoas negras

A segunda parte da sessão contou uma conversa com duas militantes da MMM de fora da região, Yildiz Temürtürkan, coordenadora do Secretariado Internacional da MMM, e Sophie Oguto, da MMM do Quênia, para falar sobre a construção de movimentos feministas internacionalistas e da própria MMM como um movimento global.

Em sua exposição, Yildiz falou sobre a construção do internacionalismo na MMM. Segundo ela, não há outra escolha a não ser a construção de um feminismo internacionalista popular porque os problemas que enfrentamos cotidianamente são problemas globais, como a pandemia, por exemplo, como também é o caso da crise de alimentos. Os problemas que enfrentamos têm muitas semelhanças; em alguns lugares, liberdade significa ter direito ao aborto, em outros, ter a liberdade de nos vestirmos quando queremos. A MMM apresenta uma experiência singular entre a esfera internacional e local. Temos muitos desafios, como o conservadorismo, o surgimento de governos autoritários, uma tendência de cooptação dos movimentos progressistas. Há desafios importantes na construção dos nossos movimentos, como manter os alicerces da nossa organização e enfrentar a fragmentação. O principal conflito é entre o capital e a vida e precisamos construir alianças. Já temos alianças estratégicas históricas, somos um movimento de 25 anos com uma longa história de alianças.



Sophie compartilhou a experiência da África, onde dizer que somos um movimento feminista já é um grande desafio. O colonialismo torna mais difícil inserir um movimento feminista internacional nas bases. Para isso, é preciso trazer as agendas das mulheres, debatendo articulação, trazendo a questão da água, da terra e os impactos locais, conectando-os com o contexto e os temas globais.

No começo da luta no Quênia, havia muita dificuldade com a questão da diversidade, mas fomos avançando, com as mulheres religiosas, com as mulheres lésbicas no movimento. Um exemplo: os potentes movimentos de mulheres que existiam antes do movimento feminista eram espaços apenas para mulheres maduras. E esses movimentos passaram a ser cooptados pelos partidos no poder, que reconheciam seu potencial e queriam controlá-lo. Na MMM, nós encorajamos a participação de mulheres jovens. Para fazer movimento, é preciso criar estratégias e identidade local. Vemos como a MMM é criativa e inspirou muitas mulheres jovens. Aprendemos muito com a MMM do Brasil e das Américas, criamos batucadas, passamos a ocupar o espaço público, com nossas danças, nossos próprios tambores. A África é uma das regiões com mais desafios, começando pela comunicação, uma importante questão, com desafios no acesso à tecnologia, assim como nas diferenças de idiomas. Sabemos da importância de documentar nosso trabalho para potencializar nossos símbolos, nossas bandeiras, nossos materiais.

No debate em plenária, companheiras destacaram que em alguns países há o desafio de incluir a agenda internacional quando se tem um dia a dia com tantos conflitos e disputas. As ações da MMM a cada cinco anos são uma oportunidade de criar alianças. As alianças são dinâmicas e podem mudar com a conjuntura, com novas forças que emergem. É preciso construir consensos e uma agenda comum. Entre nossos desafios, também está manter a nossa identidade como movimento.

Por último, foi realizado um exercício coletivo de avaliação da Escola. As perguntas norteadoras para os debates em grupo foram: “Você considera que a Escola fortaleceu seu posicionamento sobre a economia feminista? Sim ou não? E por quê?” e “Para você, quais são as principais contribuições da Escola para fortalecer a MMM na região?”.





Os resultados foram:

As participantes avaliaram que houve uma “oxigenação” do pensamento sobre a construção da economia feminista, um projeto que dá esperanças para ser construído, mas que coloca desafios sobre como aplicar em campo as questões aprendidas na Escola. A Escola possibilitou fazer uma análise para compreender a economia a partir da base, dos nossos olhares, saindo com mais clareza sobre o que fazemos e como nos colocamos nos nossos territórios. A Escola também possibilitou a troca entre aquelas que tinham mais conhecimento e prática no assunto com aquelas que ainda estavam entrando em contato com a economia feminista.

Já sobre as contribuições para a organização do movimento na região, foi destacado que:

- A formação colocou o conhecimento em movimento e permitiu fortalecer a estratégia regional conectando lideranças e movimentos.
- Permitiu uma análise da situação atual, as circunstâncias históricas impostas pelo patriarcado. E permitiu perceber que temos mais ferramentas, linguagens e experiências.





- Permitiu aprofundar a visão crítica e visibilizar o trabalho das mulheres e compreender melhor nossa organização.
- Permitiu trocar conhecimentos e saberes através de diferentes ferramentas e tecnologias para construir um novo conhecimento.

Na mística final de encerramento da Escola, Alejandra Bonilla, de El Salvador, leu o poema Despertar, da poeta hondurenha Lil Milagro Ramírez, para recordar a luta das mulheres, na qual a Escola feminista foi, ao mesmo tempo, um ponto de partida e de continuidade do trabalho de organização para libertar nossos territórios e lutar pelos nossos direitos.

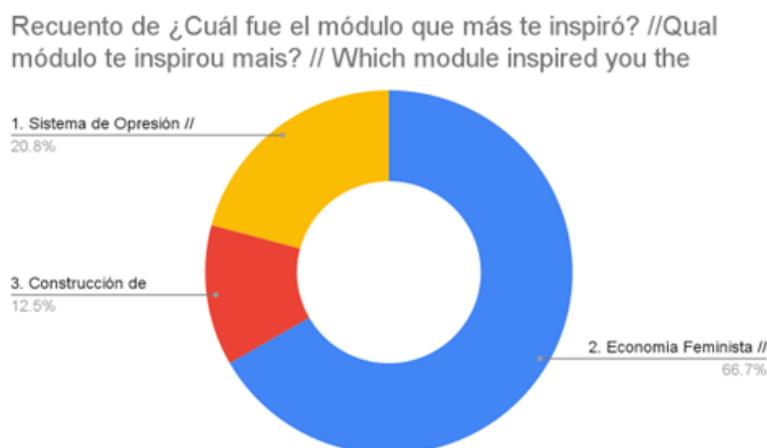


Avaliação

Participação na Escola

- Foram 75 participantes, 28 delas são integrantes de organizações aliadas
- Média de comparecimento de 40 pessoas por sessão
- 12 (16%) participantes têm mais de 8 presenças.
- 17 (22,66%) pessoas têm 2 ou menos presenças, portanto, pode-se dizer que elas desistiram do processo.

Na última sessão da Escola e nos dias posteriores, divulgamos um formulário de avaliação do processo para as participantes. Abaixo, compartilhamos os principais resultados a partir das 25 respostas recebidas.



Módulos e temas

A Economia feminista foi o módulo mais apontado pelas participantes do curso. Entre os temas que elas gostariam de seguir desenvolvendo, por ordem de maior para menor interesse foram: Economia feminista: enfoques e correntes de pensamento (13 votos), Ferramentas de construção e fortalecimento de movimento (12 votos), Acúmulos e caminhos da economia feminista a partir da MMM Américas (10 votos), Propostas globais e territoriais da transformação com a economia feminista (10 votos) e Funcionamento dos sistemas de opressão nos corpos e territórios (7 votos).



Metodologia

Todas as participantes que responderam o questionário avaliaram que a metodologia utilizada na escola foi adequada. Entre os principais pontos para essa avaliação estão: metodologia inclusiva, permitiu valorizar e compartilhar experiências e vozes, houve bom uso das ferramentas virtuais.

Algumas respostas:

- Esforço para torná-la participativa e, tanto quanto possível, dentro da estrutura da educação popular.
- Voz e experiência de cada uma de nós é válida e nos alimenta com muita informação.
- Achei muito importantes as técnicas e ferramentas utilizadas para o trabalho em grupo e as apresentações de companheiras de diferentes países que compartilharam suas experiências do trabalho que fazem com as mulheres e as comunidades.
- Envio prévio do material de apoio para esclarecer dúvidas e trabalho em grupo permitiram conhecer o trabalho e as experiências de outras companheiras.
- Metodologia boa, mas com encontros longos, sendo dependente da Internet devido aos diferentes países, o que tornou a participação mais complexa.
- Poder ouvir e escutar, foi descontraída, pudemos participar, ouvir as demais, valorizar as palavras e reflexões, construir conhecimento coletivo, o registro foi bem estabelecido. Como se fôssemos parte de um quebra-cabeça e estivéssemos juntando as peças.
- As sessões tiveram muito dinamismo e espaços de interação. A parte cultural no início gerou um senso de comunidade entre nós.
- A metodologia é adequada na medida em que permite que mulheres de diferentes partes das américas se reúnam. Todas têm acesso à tradução. Aprendemos o uso de novas ferramentas tecnológicas. Pudemos trabalhar em pequenos grupos.

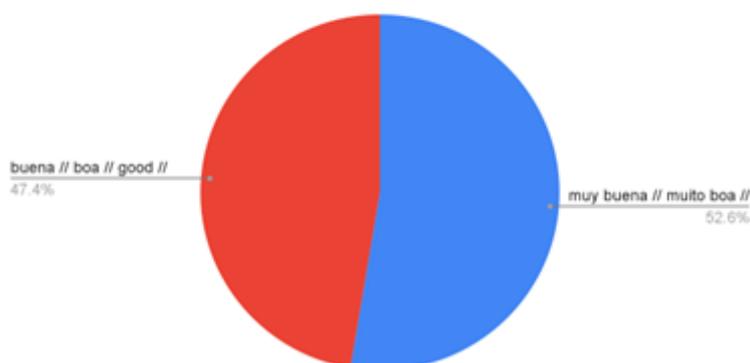




Facilitação e comunicação

As participantes consideram que a facilitação e ferramentas de comunicação utilizadas na escola foram boas.

Recuento de ¿Cuál es tu opinión sobre la facilitación y las herramientas de comunicación utilizadas en la Escuela? // Sua



Desafios

Entre os desafios identificados para aprofundar os aprendizados da Escola em suas organizações e movimentos, as participantes destacaram: aprofundar o conhecimento com as mulheres da base, manter a formação continuada, socializar os conhecimentos e experiências, dificuldade de conciliar os tempos e formato (virtualidade ou não).

Mais comentários:

- Manter processos de formação contínua devido à falta de tempo, razão pela qual temos que pensar criativamente em espaços mais curtos, mas sistemáticos, que nos permitam seguir debatendo os diferentes temas e suas interrelações.
- Socializar o conhecimento adquirido e colocá-lo em prática, a fim de criar redes de apoio e alianças estratégicas para transformar a sociedade em que vivemos.
- Analisar como promover a economia feminista em nossa organização.
- Poder adaptá-lo às realidades da comunidade, em seus idiomas, com metodologias próprias. No nível do movimento, assumir esse compromisso como primeiro passo.





Recomendações/sugestões de melhoria

- Ter materiais por escrito, em que as participantes possam escrever, responder perguntas ou fazer uma reflexão por escrito para acompanhar o aprendizado.
- Realizar um encontro presencial após a escola.
- Melhorar o compartilhamento de documentos (dificuldade com a pasta no MEGA, por exemplo), dispor de mais formação técnica e ter o registro das exposições por escrito para poder multiplicá-las.
- Garantir a presença de participantes que façam a discussão fluir nos grupos.



ANEXO 1. Roteiro pedagógico da escola

Sessão inicial: Boas-vindas e treinamento técnico	Data: 12 de maio de 2022 Horário: das 11h às 13h
Objetivo: Favorecer um espaço para a apresentação, integração e ambientação das participantes da Escola Feminista Berta Cáceres.	Temas: <ul style="list-style-type: none"> • Mística • Formação técnica • Apresentação da escola e do grupo

	Objetivo	Desenvolvimento da atividade	Materiais	Tempo
Abertura da sala	Revisar o desenvolvimento geral da atividade	As equipes de facilitadoras, intérpretes, apoio técnico e mística se reúnem para analisar os detalhes do roteiro, o cronograma e a facilitação.	Roteiro da sessão Sala de Zoom aberta	30 min antes do início da sessão
Formação técnica	Introduzir a interpretação e a importância da justiça linguística.	As facilitadoras cumprimentam as participantes e abrem o espaço. Em seguida, é realizada a formação técnica, que envolve uma apresentação explicando as funções do Zoom e a interpretação simultânea para os idiomas da Marcha Mundial das Mulheres. Em seguida, haverá uma apresentação sobre a importância da justiça linguística, que é um princípio do nosso movimento e que tentamos garantir em todos os nossos processos.	Documento de apresentação sobre uso do Zoom Documento de apresentação da justiça linguística	20 min
Boas-vindas	Criar um espaço de abertura da Escola.	Na plenária, a facilitadora dá as boas-vindas às participantes e compartilha um mapa com os países e territórios representados na Escola. Em seguida, há um vídeo de abertura que marca o sentido da Escola e, no final do vídeo, facilitadora retoma esses significados para estruturar o processo de formação	Mapa Vídeo de abertura	10 min





		política e de alianças que a Escola representa.		
Mística	Ter um espaço para conexões e reconhecimento entre integrantes e aliadas da MMM	<p>O espaço da mística foi aberto com María Velásquez, da Guatemala, como anfitriã. Para começar, é apresentado um vídeo. Em seguida, as energias do dia são invocadas a partir dos pontos cardeais, representados pelos territórios participantes da Escola: Norte (Quebec), Sul (Venezuela), Leste (Chile), Oeste (Honduras), Centro (Cuba).</p> <p>Esse momento termina com a apresentação de um vídeo que retrata a ancestralidade das mulheres indígenas.</p> <p>Para encerrar, recupera-se a diversidade das mulheres dos territórios que participam da Escola. Mencionam-se os países, recupera-se o sentido de quem somos e o que buscamos fortalecer como propostas de transformação antissistêmica.</p>	<p>Vídeo "Pueblos", de Sara Curruchich</p> <p>Vídeo "Mujer Indígena" de Sara Curruchich</p>	20 min
Apresentação por delegações	Conduzir uma breve integração e compartilhamento das expectativas entre as participantes da Escola.	<p>A facilitadora explica que o próximo momento tem a ver com a apresentação e a integração do grupo que compõe a Escola. Para isso, será feito um trabalho em grupos para compartilhar nome, organização, território e o motivo pelo qual estão na Escola. Cada participante terá três minutos para compartilhar. Os grupos terão um total de 15 minutos para se apresentarem.</p> <p>Após o término do trabalho em grupo, os grupos retornam à plenária, onde a facilitadora faz uma apresentação que relembra os nomes e os países de todas as participantes.</p> <p>No próximo momento, é realizada uma dinâmica com uma ferramenta chamada Mentimeter, dando uma breve explicação de suas características.</p>	<p>Apresentação com nomes e países dos participantes</p> <p>Mentimeter – nuvem de palavras sobre expectativas</p>	30 min





		<p>Usando a ferramenta, faremos uma nuvem de palavras para responder à pergunta</p> <p><u>"O que esperamos da escola?"</u></p> <p>As participantes têm alguns minutos para preencher o Mentimeter, enquanto a nuvem é projetada. Para encerrar, a facilitadora faz uma breve recuperação das ideias das participantes, concluindo com as expectativas mais comuns do grupo.</p>		
Apresentação da escola	<p>Compartilhar a intencionalidade política da Escola e as ferramentas tecnológicas que nos acompanham.</p>	<p>Na plenária, é feita uma breve apresentação dos objetivos, da metodologia e das datas dos módulos da Escola, enfatizando o espaço de aprendizado coletivo, crítico e emancipatório que buscamos promover.</p> <p>Em seguida, há uma breve explicação das principais ferramentas metodológicas que serão usadas durante todo o processo da Escola: jamboard, mentimeter, mega.nz.</p> <p>Em seguida, explicamos os canais de comunicação da Escola: grupo de Whatsapp, e-mail. Quaisquer lembretes serão enviados por meio desses canais, bem como os links para entrar nas sessões.</p> <p>Para encerrar, é feita uma apresentação das comissões que tornam a Escola possível: equipe técnica, comissão metodológica, comissão de síntese, comissão de mística.</p>	<p>Apresentação dos objetivos, conteúdo e agenda da Escola</p>	<p>30 min</p>
Encerramento	<p>Realizar um encerramento que recupere palavras-chave sobre a escola que queremos</p>	<p>Na plenária, a ferramenta Jamboard é apresentada, com uma página que traz algumas ideias para encerrar a primeira sessão da Escola Feminista. As participantes são convidadas a adicionar à página imagens ou palavras que definam como estamos indo embora hoje.</p> <p>.A facilitadora encerra a sessão, motivando o processo que iniciamos juntas, um processo coletivo de formação política,</p>	<p>Jamboard</p>	





		crítica e popular para fortalecer o movimento da Marcha Mundial das Mulheres. Nos despedimos com música.	Música de encerramento	10 min
--	--	--	------------------------	--------

Módulo 1: Sistemas de opressão: capitalismo, patriarcado, racismo.	Datas: 26 de maio, 3 e 16 de junho Horário: 11h a 14h
<p>Objetivo:</p> <p>Compreender e refletir sobre o entrelaçamento dos sistemas de opressão (capitalismo, patriarcado, racismo) e seu impacto sobre sujeitas plurais e seus territórios.</p>	<p>Tópicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Capitalismo e patriarcado: expressões na vida das mulheres. • Colonialismo e racismo: opressões que se sobrepõem e seus efeitos na vida e nos territórios de sujeitas plurais. • Efeitos e resistência dos sistemas de opressão nos corpos, territórios e natureza das mulheres.

Data: 26 de maio de 2022 - **Encontro 1: Capitalismo e patriarcado: expressões na vida das mulheres**

Objetivo: Refletir sobre os sistemas de opressão do capitalismo e do patriarcado, seus impactos e expressões em sujeitos plurais e seus territórios.

Temas	Objetivo	Desenvolvimento da atividade	Materiais	Tempo
Abertura da sala	Revisar o desenvolvimento geral da atividade	As equipes de facilitadoras, intérpretes, apoio técnico e mística se reúnem para analisar os detalhes do roteiro, o cronograma e a facilitação.	Roteiro da sessão Sala de Zoom aberta	30 min antes do início da sessão
Justiça lingüística	Relembrar as funções de interpretação	As facilitadoras lembram à participantes a disposição dos idiomas no Zoom e a necessidade de renomear-se com NOME - PAÍS/ORGANIZAÇÃO - IDIOMA. Também lembram às participantes o papel da interpretação e a importância da justiça lingüística. Pede-se participantes que silenciem microfones		10 min





		e mantenham câmeras ligadas durante todo o encontro, se possível, lembrando também sobre a possibilidade de fazer comentários ou perguntas no bate-papo.		
Boas-vindas e apresentação da agenda	Iniciar o encontro apresentando seus conteúdos	A equipe de facilitadoras dá as boas-vindas às participantes da Escola. Em seguida, ocorre uma breve apresentação da agenda do dia.	Agenda	10 min
Mística	Ter um espaço para conexão e reconhecimento entre integrantes e aliadas da MMM	<p>A mística será realizada pelas companheiras do Sul: Brasil, Uruguai, Paraguai e Peru e terá como tema a afrodescendência, seu legado e resistência.</p> <p>O vídeo de abertura "Negra", de Victoria Santa Cruz, será exibido. Em seguida, cada uma das companheiras apresentará seu vídeo, enfatizando a resistência dos afrodescendentes em cada um de seus territórios.</p>	Vídeo de Victoria Santa Cruz	20 min
Síntese	Compartilhar um breve resumo da sessão anterior	As facilitadoras fazem uma breve recuperação do desenvolvimento da sessão anterior, com ênfase nas expectativas dos participantes.	Apresentação	10 min
Vamos começar a falar sobre nossa realidade	Construir conhecimento situado sobre sistemas de opressão e seus efeitos, com base nas realidades e reflexões dos participantes.	<p>Esse momento começa com a exibição de um vídeo de Berta Cáceres que introduz a importância de fortalecer nossas lutas diante dos sistemas de opressão. Em seguida, as facilitadoras fazem uma breve introdução ao tema do módulo 1, sistemas de opressão, explicando os diferentes conteúdos que serão abordados no decorrer das três sessões que compõem o módulo.</p> <p>Em seguida, concentram a apresentação em um breve enquadramento da questão: como os sistemas de opressão estão funcionando e como isso afeta a vida das mulheres?</p> <p>Um ponto importante aqui será enfatizar a multiplicidade de sistemas de opressão, já que, no conteúdo desta</p>	Vídeo de Berta Cáceres	10 min





		<p>sessão, é muito importante falar sobre o capitalismo como um "sistema de opressão" que tem várias manifestações de opressão: econômica, político-ideológica, sociocultural, ecológica, simbólica-midiática e de conhecimento. Se a nossa ênfase neste módulo for nos sistemas de opressão sobrepostos (capitalismo-patriarcado-colonialismo), essa ênfase terá de ser dada na apresentação do módulo e na estruturação do tópico.</p>		
Trabalho em grupos	Seguindo com o conhecimento situado	<p>No momento seguinte, é apresentado um vídeo sobre a crítica feminista ao poder corporativo: trabalho precário. Esse será um preâmbulo para o trabalho em grupo.</p> <p>Após a exibição do vídeo, é explicado que trabalharemos em grupos para refletir sobre a seguinte pergunta:</p> <ul style="list-style-type: none">• Como os sistemas de opressão agem nos corpos e territórios das mulheres? <p>Após a reflexão, cada grupo será solicitado a recuperar e consensuar em <u>três ideias fortes</u> a serem apresentadas em plenária em um tempo máximo de 3 minutos.</p> <p>Em plenária, os grupos são solicitados a compartilhar as três ideias principais. No final, as facilitadoras fazem uma breve síntese dos elementos principais.</p>	<p>Vídeo</p> <p>Jamboard</p>	<p>5 min</p> <p>30 min</p> <p>30 min</p>
RECESSO				10 min
Aspectos teóricos dos sistemas de opressão: capitalismo e patriarcado	Oferecer elementos para complexificar os sistemas de opressão.	<p>Na plenária, é exibido um vídeo com a apresentação de Georgina Alfonso sobre o sistema de opressão capitalista e suas expressões na vida das mulheres. Se for considerado relevante e disponível, um recurso visual pode ser usado para apoiar as reflexões.</p> <p>Em seguida, ocorre um espaço de perguntas/comentários sobre a</p>	<p>Vídeo Gina Alfonso</p>	<p>15 min</p> <p>20 min</p> <p>5 min</p>





		apresentação vista, para aprofundamento e reflexão. Ao final, as facilitadoras realizam uma síntese dos principais elementos.		
Encerramento da sessão	Realizar o encerramento da sessão	A sessão é encerrada com indicações e lembretes para a próxima reunião.		5 min

Data: 3 de junho de 2022 - **Sessão 2: Colonialismo e racismo: opressões que se sobrepõem e seus efeitos na vida e nos territórios de sujeitas plurais.**

Objetivo: Refletir sobre os sistemas de opressão, colonialismo e racismo, seus impactos e expressões sobre as sujeitas plurais e seus territórios.

Temas	Objetivo	Desenvolvimento da atividade	Materiais	Tempo
Abertura da sala	Revisar o desenvolvimento geral da atividade	As equipes de facilitadoras, intérpretes, apoio técnico e mística se reúnem para analisar os detalhes do roteiro, o cronograma e a facilitação.	Roteiro da sessão Sala de Zoom aberta	30 min antes do início da sessão
Boas-vindas e apresentação da agenda	Iniciar o encontro apresentando seus conteúdos	A equipe de facilitadoras dá as boas-vindas às participantes da Escola. Em seguida, ocorre uma breve apresentação da agenda do dia.	Agenda	10 min
Mística	Ter um espaço para conexão e reconhecimento entre integrantes e aliadas da MMM	A mística é realizada como um momento de integração, que permite que nos localizemos como um grupo e nos relacionemos com os temas da sessão.		10 min
Síntese da sessão anterior	Posicionar as participantes no andamento do módulo	A comissão de síntese faz uma breve apresentação das principais ideias da sessão anterior, a fim de situar as participantes nos principais temas do módulo a serem aprofundados.		10 min





Espaço para aprofundar a compreensão dos sistemas de opressão: racismo e colonialismo	Aprofundar a discussão sobre a imbricação de sistemas opressivos	<p>A facilitadora propõe uma introdução para o próximo momento, que consistirá em uma discussão aprofundada sobre o racismo e o colonialismo como sistemas de opressão.</p> <p>Para começar, exibimos um vídeo de Ochy Curiel que nos apresenta a imbricação de opressões e a importância de fazer uma leitura política do racismo como uma episteme.</p> <p>Em seguida, houve uma apresentação de María Velázquez, da Guatemala, sobre o colonialismo e suas características como um sistema de opressão.</p> <p>Há um espaço para perguntas e comentários para aprofundar/refletir sobre as ideias apresentadas no painel.</p>	Vídeo: Análise da partir da imbricação de opressões	40 min
				10 min
	RECESSO			
Mapeamento dos efeitos da imbricação de opressões	Refletindo sobre os efeitos da imbricação de opressões em nossos corpos-territórios	<p>As facilitadoras explicam que, para continuar o diálogo, será realizado um trabalho em grupo para aprofundar o debate sobre os efeitos da imbricação de opressões nos corpos-territórios de sujeitas plurais.</p> <p>Três grupos trabalharão em mapas corporais e três em mapas territoriais. Todos os grupos identificarão nos mapas os principais efeitos dos sistemas de opressão (patriarcado, capitalismo e racismo) em relação às suas realidades contextuais e territoriais. Identificarão também a qual sistema esses efeitos correspondem (patriarcado, capitalismo, racismo, colonialismo).</p> <p>Duas perguntas orientadoras podem ser úteis para a reflexão:</p> <ul style="list-style-type: none">• Como os sistemas de opressão estão entrelaçados em nossos corpos?• Como os sistemas de opressão estão entrelaçados em nossos territórios?	Jamboard com mapas de corpos e territórios (cada um com tags: patriarcado, capitalismo, racismo)	40 min
		40 min		





		<p>Em plenária, cada um dos grupos compartilha suas conclusões do trabalho em 5 minutos.</p> <p>No final, as facilitadoras fazem um balanço e um encerramento das reflexões compartilhadas pelos grupos.</p>		
Encerramento da sessão	Conduzir um encerramento da sessão	Os elementos da sessão são retomados e é desenvolvida uma conclusão geral sobre a imbricação de opressões. A sessão é encerrada com indicações e lembretes para a próxima reunião.		10 min

Data: 16 de junho de 2022 - **Sessão 3: Efeitos e resistências dos sistemas de opressão nos corpos-territórios e na natureza.**

Objetivo: Aprofundar as lutas e resistências de sujeitos plurais em relação aos territórios e à natureza, identificando propostas de ação emancipatória.

Temas	Objetivo	Desenvolvimento da atividade	Materiais	Tempo
Abertura da sala	Revisar o desenvolvimento geral da atividade	As equipes de facilitadoras, intérpretes, apoio técnico e mística se reúnem para analisar os detalhes do roteiro, o cronograma e a facilitação.	Roteiro da sessão Sala de Zoom aberta	30 minutos antes do início da sessão
Boas-vindas e apresentação da agenda	Iniciar o encontro apresentando seus conteúdos	A equipe técnica projeta as instruções de interpretação no Zoom. A equipe de facilitadoras dá as boas-vindas às participantes da Escola. Em seguida, ocorre uma breve apresentação da agenda do dia.	Agenda	10min
Mística	Ter um espaço para conexão e reconhecimento entre integrantes e aliadas da MMM	A mística é realizada com o tema da resistência às opressões sistêmicas, mostrando as apostas políticas das sujeitas plurais.		10 min





Síntese	Compartilhar um breve resumo da sessão anterior	As facilitadoras fazem uma breve recuperação do desenvolvimento da sessão anterior, com ênfase nas expectativas das participantes.	Apresentação	10 min
Resistências a sistemas de opressão a partir da perspectiva de sujeitas plurais	Aprofundar nossa compreensão dos efeitos e das resistências às opressões nos corpos-territórios das sujeitas plurais e da natureza.	A facilitadora introduz o tema e apresenta o painel sobre as experiências latino-americanas de resistência e práticas emancipatórias contra a opressão. Para começar, é apresentado o vídeo “Defensoras de La Puya”. Em seguida, haverá um painel de discussão sobre três experiências vitais de resistência a sistemas opressivos em Abya Yala. <ul style="list-style-type: none">• Pancha Fernández Droguett, do Movimento pela Água e pelos Territórios (MAT).• Miriam Nobre, SOF e Marcha Mundial das Mulheres do Brasil.• M Adams (projeção de vídeo) Há um espaço para perguntas e comentários para aprofundar/refletir sobre as ideias apresentadas no painel.	Vídeo: Defensoras/es. La Puya - um exemplo de defesa do territorio Protection International 	55 min
			M Adams: https://www.youtube.com/watch?v=jJ7sjb0gVKc	15 min
RECESSO				10 min
Resistências a sistemas de opressão a partir da perspectiva de sujeitas plurais	Identificar os principais desafios e ações para a defesa de nossos corpos-territórios.	Em seguida, trabalharemos em grupos para refletir sobre nossas várias formas de resistência e a defesa de nossos territórios. Além disso, vamos nos aprofundar nos principais desafios que enfrentamos para fortalecer a defesa de nossos territórios e a implementação de nossas propostas emancipatórias. Três grupos serão organizados para identificar três desafios para a defesa de nossos corpos-territórios. E mais três grupos para localizar três propostas de ação para a	Jamboard	30 min
				30 min





		<p>implementação de nossa proposta emancipatória.</p> <p>As ideias serão sintetizadas em um Jamboard para apresentação em plenária.</p> <p>Plenária para a apresentação do trabalho em grupos. Cada grupo terá de 3 a 4 minutos para apresentar sua síntese no Jamboard.</p> <p>No final, as facilitadoras fazem uma breve síntese dos principais argumentos.</p>		
Encerramento da sessão e do módulo	Realizar um encerramento do módulo	Encerrar a sessão identificando os pontos em comum na defesa de nossos corpos-territórios, fazendo a conexão com o próximo módulo, que se aprofundará na economia feminista como prática situada em Abya Yala.		10min

Módulo 2: Economia feminista	Datas: 7 e 21 de julho; 4 e 18 de agosto - Horário: 11h a 14h
<p>Objetivo:</p> <p>Tornar visível e aprofundar a proposta da economia feminista como uma ferramenta política e metodológica para repolitizar as práticas cotidianas e fortalecer as propostas de resistência e transformação.</p>	<p>Temas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Economia feminista, genealogia e epistemologia, correntes e abordagens • Divisão sexual e racial do trabalho • Conflito capital-vida • Trabalho das mulheres

Data: 7 de julho de 2022 - Sessão 1: Introdução à economia feminista				
Objetivo: Identificar o entendimento dos participantes sobre economia feminista, bem como apresentar seus principais marcos de análise.				
Temas	Objetivo	Desenvolvimento da atividade	Materiais	Tempo





Abertura da sala	Revisar o desenvolvimento geral da atividade	As equipes de facilitadoras, intérpretes, apoio técnico e mística se reúnem para analisar os detalhes do roteiro, o cronograma e a facilitação.	Roteiro da sessão Sala de Zoom aberta	30 minutos antes do início da sessão
Boas-vindas e apresentação da agenda	Iniciar o encontro apresentando seus conteúdos e orientações	São dadas as boas-vindas. Recorda-se as participantes de dizer seus nomes e idiomas para a dinâmica de gravação e interpretação. Em seguida, há uma introdução ao módulo 2, seus conteúdos e o número de sessões. A sequência temática da Escola Feminista é retomada. É apresentada a agenda da primeira sessão do módulo.	Apresentação do módulo Agenda	5 min
Mística	Ter um espaço para conexões e reconhecimento entre as participantes a partir de uma experiência concreta.	A comissão de mística apresenta uma introdução a esse momento. Essa expressão deve estar relacionada aos eixos temáticos a serem desenvolvidos no módulo. O vídeo sobre a experiência "Tecendo alternativas feministas para o bem-viver" é projetado.	Vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=57nVeBWZ_f0	10 min
Síntese	Recuperar e posicionar o conteúdo substantivo sobre sistemas de opressão visto no módulo anterior.	A comissão de síntese faz uma breve apresentação das principais ideias do módulo anterior, recuperando as ideias principais sobre os sistemas de opressão e a forma como se conectam com a economia feminista e as propostas de transformação a partir da MMM.	Síntese	15 min
Introdução à economia feminista	Conhecer experiências de economia feminista, observando como como essas lutas são vividas e concretizadas em nível territorial.	Para iniciar os tópicos da sessão, é realizada uma chuva de ideias com a ajuda da ferramenta Mentimeter para responder à pergunta: <ul style="list-style-type: none">• Qual é a primeira palavra que você pensa quando ouve falar em economia feminista?	Mentimeter	15 min





		<p>A facilitadora recupera as ideias trazidas na chuva de ideias, enfatizando os pontos em comum como uma abertura para o momento seguinte, de trabalho em grupo.</p> <p>Em seguida, é apresentada a proposta de trabalho em grupos, que se realizará a partir das seguintes perguntas geradoras:</p> <ol style="list-style-type: none">1. O que entendemos como economia feminista?2. Que práticas de sua vida cotidiana você identifica como parte da economia feminista (na vida pessoal, na comunidade, na organização)? <p>É indicado que as principais ideias do diálogo coletivo serão recuperadas na ferramenta Jamboard, para serem apresentadas em plenária após o recesso.</p>	Jamboard	30 min
RECESSO				10 min
Introdução à economia feminista	Conhecer experiências de economia feminista, observando como essas lutas são vividas e concretizadas em nível territorial.	É realizada uma sessão plenária para apresentar os diálogos em grupo. A facilitadora recupera os pontos em comum e faz uma breve conclusão que leva ao momento seguinte de exposição do marco teórico político das várias correntes da economia feminista.		30 min
Economia feminista, enfoques e correntes de pensamento	Apresentar o marco político e histórico da economia feminista, bem como as diferentes correntes.	Em plenária, se realiza uma apresentação que recupera os principais elementos dos seguintes temas: <ul style="list-style-type: none">• Genealogia e episteme da economia feminista – Marco político, filosófico e histórico.• Crítica da economia	Apresentação	30 min





		<p>feminista à economia clássica e neoclássica</p> <ul style="list-style-type: none"> • Economia Feminista a partir da Marcha Mundial das Mulheres <p>Em seguida, é aberto um espaço para debate e reflexão coletiva. O tema é encerrado, e se enfatiza que, nas sessões seguintes, os vários elementos apresentados nesta primeira sessão serão explorados com mais profundidade.</p>		
Encerramento da sessão	Realizar o encerramento da sessão	<p>Para encerrar a sessão, é apresentado um vídeo sobre uma experiência organizativa territorial de economia feminista: a da cooperativa San Agustín Convive, na Venezuela.</p> <p>São transmitidos os informes necessários, e a sessão termina.</p>	Vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=CNX_A5G-KIA	5 min

Data: 21 de julho de 2022- **Sessão 2: Aprofundamento dos conceitos e apostas da economia feminista a partir de diferentes territórios**

Objetivo: Conhecer e aprofundar nosso conhecimento dos conceitos, ferramentas e apostas para fortalecer e compreender essa análise e crítica de nossa vida cotidiana a partir da perspectiva da economia feminista.

Temas	Objetivo	Desenvolvimento da atividade	Materiais	Tempo
Abertura da sala	Revisar o desenvolvimento geral da atividade	As equipes de facilitadoras, intérpretes, apoio técnico e mística se reúnem para analisar os detalhes do roteiro, o cronograma e a facilitação.	Roteiro da sessão Sala de Zoom aberta	30 minutos antes do início da sessão
Boas-vindas e apresentação da agenda	Iniciar o encontro apresentando seus conteúdos e orientações	A equipe de facilitadoras dá as boas-vindas às participantes da Escola. Em seguida, ocorre uma breve apresentação da agenda do dia.	Agenda	10 min





Mística	Ter um espaço para conexão e reconhecimento entre as participantes	O espaço de mística é realizado, permitindo ao grupo criar conexão e se colocar no tema da sessão.		10 min
Síntese	Compartilhar um breve resumo da sessão anterior.	A comissão de síntese faz uma breve apresentação das principais ideias da sessão anterior.	Apresenta-ção	10 min
Delineamento da sessão	Situar as participantes sobre a proposta da sessão	A facilitadora explica a proposta da sessão, enfatizando que nela será aprofundada a ideia da economia feminista de ruptura como proposta antissistêmica.		10 min
Conhecer e aprofundar nossa compreensão dos conceitos, ferramentas e apostas da economia feminista.	Aprofundar conceitos como a divisão sexual e racial do trabalho; interdependência e ecodependência; bens comuns e sustentabilidade da vida, por meio de diversas experiências em Abya Yala.	A facilitadora explica a dinâmica do painel e introduz as experiências da Marcha Mundial das Mulheres de diferentes territórios, que serão apresentadas: 1) Brasil (divisão sexual e racial do trabalho) 2) Chile (interdependência e ecodependência) 3) Guatemala (bens comuns e sustentabilidade da vida) As exposições sobre experiências se concentrarão nas visões que propõem sobre economia feminista, seus princípios e potencialidades para a sustentabilidade da vida, suas perspectivas sobre a atual expansão do capital, a produção e reprodução da vida e a relação de interdependência e ecodependência. No final das apresentações, há um espaço para comentários e perguntas das participantes.		60 min
RECESSO				10 min





Conflito capital-vida	Aprofundar conhecimentos sobre o conflito capital-vida e recuperar propostas de transformação.	<p>A facilitadora explica que o momento seguinte consistirá em trabalhar em grupos para aprofundar algumas das questões apresentadas no painel anterior, especialmente o conflito entre o capital e a vida, identificando propostas organizativas e comunitárias para a sustentabilidade da vida.</p> <p>Além disso, serão retomados alguns elementos da leitura compartilhada previamente à sessão, um texto extraído do guia da Escola Internacional Berta Cáceres.</p> <p>As perguntas orientadoras para o trabalho em grupo são:</p> <ul style="list-style-type: none">• Como o conflito capital-vida se manifesta e se expressa em nossa vida cotidiana?• Quais são os principais desafios para nossas organizações diante do conflito capital-vida? <p>Os grupos sintetizarão suas reflexões na ferramenta Jamboard.</p> <p>Em plenária, os grupos apresentam suas reflexões e desafios. Ao final de todas as apresentações, há um espaço para outras intervenções.</p>	Guia da Escola Internacional Berta Cáceres Jamboard	30 min 20 min
Encerramento da sessão	Apontar o caminho percorrido e o que será trabalhado na próxima sessão.	A facilitadora encerra a sessão apontando alguns elementos que se vinculam aos conteúdos da próxima sessão.		10 min





Data: 4 de agosto de 2022 - **Sessão 3: Visões e apostas políticas da economia feminista a partir da Marcha Mundial das Mulheres.**

Objetivo: Apresentar a visão da MMM sobre a economia feminista e suas contribuições para a construção de alternativas econômicas emancipatórias e antissistêmicas a partir dos territórios.

Temas	Objetivo	Desenvolvimento da atividade	Materiais	Tempo
Abertura da sala	Revisar o desenvolvimento geral da atividade	As equipes de facilitadoras, intérpretes, apoio técnico e mística se reúnem para analisar os detalhes do roteiro, o cronograma e a facilitação.	Roteiro da sessão Sala de Zoom aberta	30 minutos antes do início da sessão
Boas-vindas e apresentação da agenda	Iniciar a sessão apresentando seus conteúdos	A equipe de facilitadoras dá as boas-vindas às participantes da Escola. Em seguida, ocorre uma breve apresentação da agenda do dia.	Agenda	10 min
Mística	Ter um espaço para conexão e reconhecimento entre as participantes	Desenvolvimento da mística por delegadas de um país específico. A intenção é que a mística se relacione com os temas do módulo e com as apostas da economia feminista.		10 min
Síntese	Compartilhar um breve resumo da sessão anterior	A comissão de síntese apresenta as principais ideias e conclusões da sessão anterior, como uma introdução para o desenvolvimento da sessão atual.	Apresentação	10 min
As apostas e práticas da economia feminista a partir da Marcha Mundial das Mulheres	Conhecer e reconhecer as propostas e debates das mulheres em nível interno da MMM.	Em plenária, as facilitadoras apresentarão as visões da Marcha Mundial das Mulheres sobre sustentabilidade da vida, conflito capital-vida e interrelação entre produção e reprodução como princípios que organizam a reflexão teórica e prática sobre a economia feminista da MMM. Um vídeo que resume algumas apostas sobre a sustentabilidade da vida no centro é apresentado.	Vídeo sustentabilidade da vida no centro Documento regional 5ª Ação Internacional MMM Jamboard	20 min 30 min 20 min





		<p>Posteriormente, trabalharemos em grupos, tomando como ponto de partida o documento regional da MMM Américas, produzido no âmbito do encerramento da 5ª Ação Internacional de 2020.</p> <p>Serão formados quatro grupos de diálogo, cada um com um tópico para discussão e duas perguntas geradoras:</p> <p>Grupo 1. Soberania alimentar</p> <ol style="list-style-type: none">1. Como a soberania alimentar se relaciona com a abordagem econômica feminista da MMM?2. Quais os desafios e as disputas presentes em nossos territórios para garantir a soberania alimentar? <p>Grupo 2. Trabalho produtivo e autonomia econômica das mulheres</p> <ol style="list-style-type: none">1. Como a autonomia econômica das mulheres se relaciona com a proposta de economia feminista da MMM?2. Quais os desafios e as disputas presentes em nossos territórios para garantir a autonomia econômica das mulheres? <p>Grupo 3. Trabalho reprodutivo e de cuidados</p> <ol style="list-style-type: none">1. Como o trabalho reprodutivo e de cuidados das mulheres se relaciona com a proposta de economia feminista da MMM?2. Que propostas e alternativas precisamos construir para reorganizar o trabalho reprodutivo e de cuidados sob os princípios da sustentabilidade da vida?	
--	--	---	--





		<p>Grupo 4: Bens comuns</p> <ol style="list-style-type: none">1. Como a proposta de economia feminista da MMM se vincula com a defesa dos bens comuns?2. Quais são os desafios e as disputas em nossos territórios para defender os bens comuns? <p>Cada grupo sintetizará suas respostas com a ajuda da ferramenta Jamboard. Em plenária, cada grupo terá 5 minutos para apresentar suas conclusões do diálogo coletivo. No final, a facilitadora fará um breve resumo dos pontos comuns, vinculando com o tema do painel subsequente.</p>		
RECESSO				10 min
As apostas e práticas da economia feminista a partir da Marcha Mundial das Mulheres	Aprofundar as propostas e as apostas da economia feminista da MMM, com base no que foi recuperado nos grupos de trabalho.	<p>Na plenária, as facilitadoras explicam que o próximo momento consiste em um painel com militantes da MMM para recuperar e discutir os elementos apresentados pelos grupos, que serão problematizados com base nas experiências das participantes do painel. As experiências que serão apresentadas são de militantes da Guatemala, Bolívia e Chile.</p> <p>Após suas intervenções, é aberto um espaço para perguntas e comentários do grupo.</p> <p>Para concluir, as facilitadoras realizam um comentário final.</p>		55 min
Encerramento da sessão	Dar indicações para a próxima sessão	As facilitadoras realizam o encerramento dando informes e instruções para a próxima sessão.		10 min





Data: 18 de agosto de 2022 - **Sessão 4: Propostas para a luta pelo poder no âmbito econômico a partir da MMM e movimentos aliados.**

Objetivo: Identificar as principais disputas do nosso movimento com o poder, bem como as apostas de transformação antissistêmica em diálogo com movimentos aliados, o que nos permitirá acumular forças a partir de uma posição situada.

Temas	Objetivo	Desenvolvimento da atividade	Materiais	Tempo
Abertura da sala	Revisar o desenvolvimento geral da atividade	As equipes de facilitadoras, intérpretes, apoio técnico e mística se reúnem para analisar os detalhes do roteiro, o cronograma e a facilitação.	Roteiro da sessão Sala de Zoom aberta	30 minutos antes do início da sessão
Boas-vindas e apresentação da agenda	Iniciar a sessão apresentando seus conteúdos	A equipe de facilitadoras dá as boas-vindas às participantes da Escola. Em seguida, ocorre uma breve apresentação da agenda do dia.	Agenda	10 min
Mística	Ter um espaço para conexão e reconhecimento entre as participantes	Desenvolvimento da mística por delegadas de um país específico. A intenção é que a mística se relacione com os temas do módulo e com as apostas da economia feminista.		10 min
Síntese	Compartilhar um breve resumo da sessão anterior.	A comissão de síntese apresenta a conexão dos diferentes elementos conceituais/experienciais que foram identificados na sessão anterior, bem como as principais disputas a serem aprofundadas nesta sessão.	Apresentação	10 min
Aprofundar debates sobre disputas por políticas dos Estados e as propostas da MMM.	Revelar as principais disputas do nosso movimento com as políticas dos Estados e nossas apostas de transformação.	Na plenária, as facilitadoras explicam que o próximo momento envolverá um debate coletivo sobre as principais disputas que identificamos em relação aos Estados, a fim de aprofundar nossas propostas de transformação antissistêmica.	Jamboard	60 min





		<p>O debate está organizado em três blocos de discussão coletiva, com base na seguinte ordem:</p> <p>Primeiro bloco (20 min): Economia reformista vs. economia feminista de ruptura</p> <ul style="list-style-type: none">• Quais são nossas propostas com relação à redistribuição do trabalho doméstico e de cuidados?• Como iremos parar de reproduzir os tempos e as lógicas do capital e colocar a vida no centro? <p>Segundo bloco (20 min): Transformação do sistema vs. políticas públicas que refuncionalizam/expropriam nossas apostas</p> <ul style="list-style-type: none">• Como podemos gerar transformações no modelo e no sistema ao mesmo tempo em que demandamos proteção e ampliação dos direitos pelos Estados? <p>Terceiro bloco (20 min): Bens comuns vs. acumulação/despossessão</p> <ul style="list-style-type: none">• Como confrontamos o modelo extrativista e criamos consciência sobre a defesa dos bens comuns? <p>Enquanto os participantes fazem suas contribuições, um Jamboard é projetado, organizado por cada bloco de discussão, onde as facilitadoras sintetizam, com palavras e</p>		
--	--	--	--	--





		imagens, as ideias apresentadas pelo grupo.		
RECESSO				10 min
Alianças com outras propostas e apostas de emancipação no âmbito político e econômico a partir das dimensões territorial e regional.	Conhecer e reconhecer os debates e as propostas de mulheres de organizações e movimentos aliados.	<p>Em plenária, a facilitadora apresenta as participantes e a dinâmica da discussão. As convidadas são membros de movimentos aliados à MMM (Amigos da Terra, CLOC-Via Campesina, REMTE), com os quais convergem nossas apostas políticas.</p> <p>A conversa se organiza em duas rodadas de perguntas, a serem respondidas por todas as convidadas.</p> <p>Primeira rodada: Qual é a proposta de política da sua organização com relação à sustentabilidade da vida?</p> <p>Segunda rodada: Como podemos estabelecer relações de solidariedade e criar laços para defender e sustentar a vida?</p> <p>Em seguida, se abre um espaço para perguntas, comentários e reflexões da turma.</p> <p>A atividade termina com a reflexão coletiva sobre a pergunta: como essas propostas dialogam/se encontram com a proposta da MMM? É realizado um comentário final que recupera os principais elementos trazidos.</p>		70 min





Encerramento da sessão	Dar indicações para a próxima sessão	As facilitadoras realizam o encerramento dando informes e instruções para a próxima sessão.		10 min
-------------------------------	--------------------------------------	---	--	--------

Módulo 3: Construção de movimento	Data: 1, 15 e 29 de setembro Horário: 11h a 14h
Objetivo: Contribuir para o fortalecimento dos processos de construção de movimento, identidade e pertencimento à Marcha Mundial das Mulheres e seus processos organizativos nos territórios.	Temas: <ul style="list-style-type: none"> • Nossas lutas e resistência no contexto atual. • Elementos para a construção de movimentos populares e antissistêmicos. • Nossa construção de movimento: desafios e alianças.

Data: 1 de setembro - **Sessão 1: Nossas lutas, nossas resistências**

Objetivo: Construir coletivamente um panorama amplo das lutas e resistências em nível regional a partir da MMM.

Temas	Objetivo	Desenvolvimento da atividade	Materiais	Tempo
Abertura da sala	Revisar o desenvolvimento geral da atividade	As equipes de facilitadoras, intérpretes, apoio técnico e mística se reúnem para analisar os detalhes do roteiro, o cronograma e a facilitação.	Roteiro da sessão Sala de Zoom aberta	30 minutos antes do início da sessão
Boas-vindas e apresentação da agenda	Iniciar a sessão apresentando seus conteúdos	A equipe de facilitadoras dá as boas-vindas às participantes da Escola. Em seguida, é feita uma breve apresentação do módulo 3 e de seu conteúdo, enfatizando a sequência com o módulo anterior e todo o processo. É feito o lembrete de que, para este módulo, a referência de leitura será o texto "Construção do Movimento", extraído do guia da Escola Internacional Berta Cáceres.	Apresentação do módulo Agenda da sessão Guia da Escola Internacional Berta Cáceres	10 min





		Em seguida, ocorre uma breve apresentação da agenda do dia.		
Mística	Ter um espaço para conexão e reconhecimento entre as participantes	<p>A mística dessa sessão busca conectar-se com os significados do nosso movimento. Para isso, várias delegações serão convidadas a participar, mostrando a diversidade de territórios, respondendo à pergunta "por que vocês estão em marcha?" e mostrando um objeto que simbolize essa luta.</p> <p>Quando terminam as apresentações, é pedido às demais participantes que mostrem suas bandeiras ou símbolos com a câmera aberta, e é tirada uma foto do grupo.</p>		10 min
Síntese	Compartilhar um breve resumo da sessão anterior e do módulo 2.	A comissão de síntese faz uma breve retomada do desenvolvimento da sessão anterior e do módulo 2.	Apresentação	15 min
Nossa história como movimento	Expor a história e as linhas de ação da MMM	<p>as facilitadoras apresentam uma breve visão geral do Módulo 3, que tem como objetivo fortalecer as apostas, as construções e as articulações da MMM em nível regional.</p> <p>Em seguida, é apresentado um vídeo que retrata a história da MMM como um movimento internacional.</p>	Vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=PrAtivKFX9o	15 min
A situação das organizações integrantes da MMM diante dos contextos.	Realizar uma análise da situação de nossas organizações na região.	Em plenária, realizaremos uma chuva de ideias, utilizando a ferramenta Mentimeter, para definir com uma palavra a sua organização. A facilitadora, em seguida, faz uma recuperação da nuvem de palavras, destacando pontos comuns.	Jamboard	40 min





		<p>Em seguida, realizamos uma discussão em plenária com duas perguntas orientadoras:</p> <ul style="list-style-type: none">• Quais são os principais pontos fortes de nossas organizações diante do contexto no qual vivemos?• Quais são as principais ameaças sofridas por nossas organizações no contexto no qual vivemos? <p>Entre cada pergunta, é aberto um espaço para o diálogo em plenária, enquanto os principais elementos do debate são recapitulados em um Jamboard.</p> <p>No final das duas rodadas, é feita uma breve síntese dos principais pontos comuns, levando ao trabalho em grupos.</p>		
RECESSO				10 min
Desafios enfrentados por nossas organizações no contexto.	Aprofundar ideias sobre os desafios e propostas para a construção do movimento.	<p>O próximo momento consiste em trabalhar em grupos para responder à seguinte pergunta:</p> <p>Quais são os nossos desafios como organizações diante de:</p> <p>Grupo 1. O cenário da pandemia e suas consequências</p> <p>Grupo 2. O avanço dos fundamentalismos religiosos.</p> <p>Grupo 3. O ataque da direita internacional.</p> <p>Grupo 4. A consolidação da unidade na diversidade. As conclusões dos grupos serão organizadas na ferramenta Jamboard.</p>	Jamboard	30 min
Desafios enfrentados por nossas organizações	Socializar em plenária os resultados da	Em plenária, os grupos apresentam os resultados de suas discussões. Ao final de todos os grupos, é aberto um espaço para		30 min





no contexto – socialização.	discussão em grupos.	troca e reflexão entre os participantes. Para concluir, as facilitadoras realizam um comentário final.		
Encerramento da sessão	Dar indicações para a próxima sessão	As facilitadoras realizam o encerramento dando informes e instruções para a próxima sessão. Sugere-se finalizar a sessão com o compartilhamento de um vídeo que exponha a força dos movimentos sociais emancipadores.		10 min

Data:15 de setembro - **Sessão 2: Elementos para a construção de movimento**

Objetivo: Refletir coletivamente sobre alguns elementos e estratégias vitais para a construção de movimentos feministas antissistêmicos e emancipatórios.

Temas	Objetivo	Desenvolvimento da atividade	Materiais	Tempo
Abertura da sala	Revisar o desenvolvimento geral da atividade	As equipes de facilitadoras, intérpretes, apoio técnico e mística se reúnem para analisar os detalhes do roteiro, o cronograma e a facilitação.	Roteiro da sessão Sala de Zoom aberta	30 minutos antes do início da sessão
Boas-vindas e apresentação da agenda	Iniciar a sessão apresentando seus conteúdos	A equipe de facilitadoras dá as boas-vindas às participantes da Escola. Em seguida, ocorre uma breve apresentação da agenda do dia.	Agenda	10 min
Mística	Situar a sessão com base na construção do movimento em nossos territórios.	A mística dessa sessão é realizada por meio da projeção de um vídeo que recupera a potência e o sentido dos movimentos feministas populares e comunitários. No final, as delegadas compartilham a importância desses movimentos para suas	Vídeo: Acordamos viver. Encuentro Internacional de mujeres que Luchan	10 min





		lutas e dessa escola para fortalecer seus movimentos.		
Síntese	Compartilhar um breve resumo da sessão anterior.	A comissão de síntese apresenta as principais ideias da sessão anterior, que permitem introduzir a presente sessão.	Apresentação	10 min
Elementos para a construção de movimentos.	Refletir sobre alguns elementos fundamentais para a construção de movimentos e suas potências emancipatórias: comunicação popular, educação popular, mística, sujeita política.	<p>A facilitadora apresenta uma breve visão geral do painel, que tratará dos principais elementos para fortalecer a construção do movimento a partir da perspectiva da MMM.</p> <p>Na dinâmica, cada convidada realiza sua apresentação em, no máximo, 15 minutos. A plenária será aberta para comentários e perguntas ao final de cada uma de suas apresentações (máximo de três participações).</p> <p>Temas do painel: comunicação popular, educação popular, mística e memória histórica, sujeita política.</p> <p>Ao final, a facilitadora realiza uma breve conclusão, vinculando o debate com elementos chave do diálogo coletivo que virá a seguir.</p>	Apresentação	90 min
RECESSO				10 min
Elementos para a construção de movimentos.	Aprofundar debates sobre as práticas de construção de movimentos em nossas organizações e territórios.	<p>A facilitadora realiza um breve comentário introdutório ao trabalho em grupos, relacionando as conclusões do painel com o aprofundamento em grupo.</p> <p>Perguntas geradoras:</p> <p>1. De que forma os elementos que discutimos no painel são colocados em prática em</p>	Jamboard	25 min 25 min





		<p>nossos movimentos e territórios?</p> <p>2. Que outras ferramentas ou metodologias são colocadas em prática em nossas organizações para construir movimentos antissistêmicos e emancipatórios?</p> <p>As reflexões dos grupos são sintetizadas na ferramenta Jamboard.</p> <p>Os grupos apresentam as conclusões de seu trabalho coletivo em plenária. Para concluir, as facilitadoras realizam um comentário final focado nos pontos comuns entre os grupos.</p>		
Encerramento da sessão	Realizar o encerramento da sessão	As facilitadoras realizam o encerramento dando informes e instruções para a próxima e última sessão.		10 min

Data: 29 de setembro - **Sessão 3: Nossa construção de movimento: desafios e alianças**

Objetivo: Identificar desafios e potencialidades da construção de alianças globais para o nosso movimento, bem como avaliar a relevância do processo da Escola para o fortalecimento da MMM.

Temas	Objetivo	Desenvolvimento da atividade	Materiais	Tempo
Abertura da sala	Revisar o desenvolvimento geral da atividade	As equipes de facilitadoras, intérpretes, apoio técnico e mística se reúnem para analisar os detalhes do roteiro, o cronograma e a facilitação.	Roteiro da sessão Sala de Zoom aberta	30 minutos antes do início da sessão





Boas-vindas e apresentação da agenda	Iniciar a sessão apresentando seus conteúdos	A equipe de facilitadoras dá as boas-vindas às participantes da Escola. Em seguida, ocorre uma breve apresentação da agenda do dia.	Agenda	10 min
Mística	Momento de conexão com a sessão do dia.	Para esta última sessão, a mística será realizada pelas equipes metodológica, técnica e de interpretação. Cada equipe nomeia uma representante que dará um "presente" ao grupo, que traga os significados do processo formativo que estamos concluindo nesta sessão.		10 min
Síntese	Compartilhar um breve resumo da sessão anterior.	A comissão de síntese faz uma breve apresentação recuperando as principais ideias da sessão anterior, e integrando um fechamento de módulo, com pautas para a construção e o fortalecimento de movimentos feministas emancipatórios.	Apresentação	10 min
Construção de movimentos feministas internacionalistas - MMM como movimento global	Dialogar coletivamente sobre a importância da organização global e da construção de movimentos internacionalistas.	<p>Na plenária, as facilitadoras apresentam um painel sobre experiências e desafios para a construção de movimentos feministas internacionalistas, com base na experiência da MMM como movimento global.</p> <p>O painel contará com duas participantes da MMM (uma representante do SI e uma da região africana), que terão 15 minutos para dialogar sobre:</p> <ul style="list-style-type: none">• A importância da organização global.• Os principais desafios como movimento internacionalista.• A importância da construção de alianças. <p>Em seguida, é aberto um diálogo em plenária para expressar comentários e reflexões.</p>		45 min
RECESSO				10 min





ANEXO II. Perguntas do formulário de avaliação final

1. Qual módulo mais te inspirou?

- a. Sistemas de opressão
- b. Economia feminista
- c. Construção de movimento

2. Sobre quais temas você gostaria de seguir se aprofundando?

- Sistemas de opressão, seus elementos e imbricações
- Funcionamentos do sistema de opressão em corpos e territórios
- Economia feminista: enfoques e correntes de pensamento
- Acúmulos e trajetórias da economia feminista pela MMM Américas
- Propostas globais e territoriais de transformação com a economia feminista
- Ferramentas para construção e fortalecimento do movimento.
- Outro:

3. Você acha que a metodologia usada na escola foi adequada?

Sim/Não

Por quê?

4. Qual é a sua opinião sobre a facilitação e as ferramentas de comunicação usadas na escola?





Muito bom / bom / regular

Você tem alguma recomendação a fazer?

5. Que desafios você identifica para aprofundar o aprendizado da Escola em sua organização e/ou movimento?

6. Você tem alguma recomendação para melhorar a escola? Há algo que gostaria que fosse incorporado ou que sentiu falta?

